

Manoela Falcón Silveira, Prof^ª Ms. em Literatura | *Fabiana Ferreira da Costa*, Prof^ª Ms. em literatura.

http://www.passeiweb.com/na_ponta_lingua/livros/resumos_comentarios/e/essa_terra. Acesso em 23/01/2013.

Essa terra, de Antônio Torres

Essa terra, obra de Antônio Torres, primeiramente publicado em 1976, é uma obra quase autobiográfica. Um relato emocionante do impacto da "cidade grande" sobre o retirante, o imigrante nordestino. O próprio autor - nascido na pequena cidade de Junco, interior da Bahia - percorreu os mesmos caminhos dos seus personagens, deixando o Nordeste para procurar a sorte nas metrópoles do Sudeste.

A caracterização sertaneja do Junco não é um mero retorno à temática regional. O autor salienta que o romance *Essa Terra* está em confronto com o regionalismo considerado como espaço da tradição, problematizando o regionalismo também enquanto tradição estética. O que poderia ser uma volta ao regionalismo tradicionalista, é na verdade um discurso narrativo de desinvenção, de desconstrução de um espaço regional identitário, coloca-se assim em questão o próprio mito de autenticidade regional. Desse modo, o romance rompe com a vertente mítico-nostálgica do regionalismo para retomar e atualizar sua vertente mais crítica.

Desde o início da narrativa de *Essa Terra*, pode-se verificar como o processo de duplicação da identidade influencia tanto o autor, que também viveu a experiência diaspórica - como já citado, como os personagens criados por ele. *Essa Terra* poderia perfeitamente ser considerado um romance de autoficção por narrar a precariedade e o desconforto do autor, que coincide, em certo sentido, com o desconforto do personagem submerso na parafernália apresentada pela modernidade da cidade paulistana. Torres traduz de forma instigante as inquietações ligadas aos problemas de natureza identitária, surgidos pela convivência do eu com o estranho outro.

Nesse sentido, o sujeito (autor/personagem) se expõe para o outro em busca de afirmação e de reconhecimento identitário. A maneira como o autor descreve a condição em que surge as primeiras linhas do romance nos fornece as pistas para verificar o quanto a narrativa acaba sendo orientada através da política do reconhecimento.

“*Se estiver vivo um dia ele aparece, foi o que eu sempre disse*”. (TORRES, 1976, p. 7) Com a criação dessa frase está iniciada a narrativa do romance *Essa Terra*.

Essa Terra narra a história de Nelo, um sujeito que trilha o caminho de volta da grande São Paulo (uma cidade devoradora), para o antigo lar, no povoado do Junco, situado no interior da Bahia. Contrariando as expectativas depositadas pela família, a trajetória vivida por Nelo traça o percurso dos fracassos e dos dilemas que lhe acompanharam desde a partida da terra natal à cidade grande, culminando com o suicídio por enforcamento.

Nelo, ao deixar o povoado do Junco leva consigo o sonho de uma vida melhor. A esperança por melhores roupas, maior desempenho linguístico-cultural e de um grande sucesso com as mulheres. Sonhos projetados a partir do contato com os “estrangeiros”, e de um olhar que pretende se reconhecer através da leitura do “outro”.

Nelo descobriu que queria ir embora no dia em que viu os homens do jipe. Estava com 17 anos. Ele iria passar mais três anos para se desprejar do cóis das calças de papai. Três anos sonhando todas as noites com a fala e as roupas daqueles bancários ? a fala e a roupa de quem, com toda certeza, dava muita sorte com mulheres. (TORRES, 1976, p. 11)

Já o narrador-personagem Totonhim, na tentativa de avaliar a causa da migração do irmão Nelo, do Junco rumo à cidade de São Paulo, faz ao mesmo tempo, uma retrospectiva da partida como uma espécie de justificativa:

(...) um dia pegou um caminhão e sumiu no mundo para se transformar, como que por encantamento, num homem belo e rico, com seus dentes de ouro, seu terno folgado e diferente de casimira, seus raybans, seu rádio de pilha?faladorzinho como um corno?e um relógio que brilha mais do que a luz do dia. Um monumento, em carne e osso. O exemplo vivo de que a nossa terra também podia gerar grandes homens. (TORRES, 1976, p.14)

O fragmento textual mostra como a projeção de uma vida bem sucedida encontra-se no romance apropriada pela efetivação do poder de aquisição de bens materiais. A narrativa coloca em evidência a relação do sujeito, da sua construção identitária, a partir da realização do consumo desses bens, a exemplo da identificação do próprio indivíduo com “um monumento, em carne e osso”, que seria “reconhecido” e valorizado como grande homem.

A relação dos indivíduos com os bens materiais, com o consumo desses bens, orientam a vida das personagens do romance e justificam suas atividades no decorrer da narrativa. Nesse sentido, a projeção está voltada mais para a noção de identidade (da construção da identidade através do olhar do outro), do que a uma política de reconhecimento que integra a alteridade, ou seja, que possibilite a dialética do mesmo e do outro, o que permitiria entender as razões de cada um e a estrutura dos conflitos e das negociações.

Nelo é descrito como um filho maravilhoso pelo olhar da mãe, a qual lembra-se dos envelopes gordos, que chegavam todo “mês com dinheiro vivo, paulista, rico”. Totonhim, o pai e toda a parentada do Junco também viam em Nelo a personificação de um indivíduo bem sucedido na vida. E a projeção da identidade de Nelo segue na narrativa sendo formada a partir do julgamento do meio exterior.

Enquanto Nelo é visto como aquele que migra para se salvar, como aquele que fugiu das limitações impostas pelo lugarejo interiorano, a experiência da migração vivida pela personagem é narrada mostrando o intenso sentimento de estranhamento da experiência diaspórica enfrentada pelo sujeito, que parte de um ambiente interiorano miserável, mas ainda conservador de certos valores humanos, “para uma São Paulo sem rosto e sem forma”. É esse sentimento de estranheza, experimentado pelo personagem principal do romance *Essa Terra*, o grande responsável pelo conflito existencial vivido pelo indivíduo. Ao investir num descentramento do sujeito, que não consegue mais se identificar com a cidade grande, muito menos com o ex-familiar espaço nordestino/ interiorano, a narrativa acaba produzindo no personagem a sensação de não pertencimento a lugar algum. Nelo conheceu e viveu no Junco e em São Paulo, mas não se sente pertencente a estes lugares. São Paulo representa ao mesmo tempo o exílio e a perda:

“Dinheiro, dinheiro, dinheiro.

Cresce logo, menino, pra você ir para São Paulo.

Aqui vivi e morri um pouco todos os dias.

No meio da fumaça, no meio do dinheiro.

Não sei se fico ou se volto.

Não sei se estou em São Paulo ou no Junco”. (TORRES,1976, p. 63)

Na experiência vivida por Nelo coexiste o enigma de uma “chegada” sempre adiada, como se fosse uma espécie de pressentimento, uma consciência de que o seu desenraizamento já não lhe permitiria a re-integração à terra natal.

A fragmentação da estrutura do romance igualmente refrata e reflete a identidade fragmentada dos personagens e a relação que eles estabelecem entre eles e a terra: o romance está dividido em quatro partes: “Essa Terra Me Chama”, “Essa Terra Me Enxota”, “Essa Terra Me Enlouquece” e “Essa Terra Me Ama”, cada parte subdividida em capítulos.

O estar “entre-lugares” é também uma expressão viva nas linhas do romance *Essa Terra*. Os personagens principais vivenciam a relação consigo próprios, com os outros e com a terra de certa forma transculturalmente: as relações possuem um movimento de “síntese e simbiose”, “um diálogo (uma harmonia) incômodo” entre a “continuidade e a ruptura”, “a coerência e a fragmentação”. Observe:

— *Qualquer pessoa deste lugar pode servir de testemunha. Qualquer pessoa com memória na cabeça e vergonha na cara. Eu vivia dizendo: um dia ele vem. Pois não foi que ele veio?*

— *O senhor está com razão.*

— *Ele mudou muito? Espero que ao menos não tenha esquecido o caminho lá de casa. Somos do mesmo sangue.*

— *Não esqueceu, não, tio — respondi, convencido de que estava fazendo um esclarecimento necessário não apenas a um homem, mas a uma população inteira, para quem a volta do meu irmão parecia ter mais significado do que quando dr. Dantas Júnior veio anunciar que havíamos entrado no mapa do mundo, graças a seu empenho e à sua palavra de deputado federal bem votado.* (ET, p. 10)

No trecho acima, retirado do primeiro capítulo da primeira parte do romance — “Essa Terra Me Chama”, o narrador-personagem Totonhim leva o tio ao encontro do sobrinho Nelo, que retorna após vinte anos. Interessante notar que a volta dele é esperada não só pelo parente, mas também pela população da cidade. Espera compreendida entendendo-se que a figura de Nelo está relacionada a um monumento valorativo da cidade, ou melhor, das próprias pessoas do Junco. Ao comparar a peculiaridade do significado da vinda do irmão com o dia em que a cidade festejou seu ingresso no mapa do mundo, fica claro que a ida de Nelo para São Paulo não foi esquecida, no decorrer dos anos, ela estava ativa na memória dos familiares e da comunidade do lugarejo como retorno triunfal. O dia em que o deputado discursou foi, embora o povo tenha festejado, apagando-se de suas memórias, diz Totonhim, “*apesar de nada mais ter acontecido daí por diante*” (ET, p. 10). A saída de Nelo do Junco, entretanto, não foi apagada, tornou-se uma expectativa de retorno, um acontecimento sempre em suspenso, à beira de uma efetivação:

Quem não mudou em nada mesmo foi um lugarejo de sopapo, caibro, telha e cal, mas a questão agora é saber se meu irmão ainda lembra de cada parente que deixou nestas brenhas, um a um, ele que, não tendo herdado um único palmo de terra onde cair morto, um dia pegou um caminhão e sumiu no mundo para se transformar, como que por encantamento, num homem belo e rico, com seus dentes de ouro, seu terno folgado e quente de casimira, seus Ray-bans, seu rádio de pilha — faladorzinho como um corno — e um relógio que brilha mais do que a luz do dia. Um monumento, em carne e osso. O exemplo vivo de que a nossa terra também podia gerar grandes homens — e eu, que nem havia nascido quando ele foi embora, ia ver se acordava o grande homem de duas décadas de sono, porque o grande homem parecia ter voltado apenas para dormir. (ET, p.10)

Se a cidade não mudou, a chegada de Nelo é sinal de mudança para os habitantes da cidade. O esperado retorno concretiza-se, fica-se então sabendo que o homem que deixou sua terra natal foi em busca de fortuna e melhores condições de vida. São Paulo transformaria Nelo num monumento vivo, em carne e osso, com dentes de ouro e óculos Ray-bans. Todavia, o irmão, segundo Totonhim, retornara apenas para dormir, pois duas décadas de sono (leia-se: de ausência) não foram suficientes para realizar um desfastio pela cidade. Junco o faz adormecer,

o sono de Nelo é mórbido e Totonhim o presente. O narrador-personagem continua caminhando com o tio em direção à casa onde Nelo se encontra, sentindo que algo de ruim estaria acontecendo.

A alpercata esmaga minha sombra, enquanto avanço num tempo parado e calado, como se não existisse mais vento no mundo. Talvez fosse um agouro. Alguma coisa ruim, muito ruim, podia estar acontecendo.

—Nelo — gritei da calçada. [...]

Não ouvi o que ele respondeu, quer dizer, não houve resposta. Não houve e houve. Na roça me falavam de um pássaro mal-assombrado, que vinha perturbar uma moça, toda vez que ela saía ao terreiro, a qualquer hora da noite. Podia ser meu irmão quem acabava de piar no meu ouvido, pelo bico daquele pássaro noturno e invisível, no qual eu nunca acreditei. Atordoado, me apressei e bati na porta e bastou uma única batida para que ela se abrisse — e para que eu fosse o primeiro a ver o pescoço do meu irmão pendurado na corda, no armador da rede. (ET, p. 12)

O tempo parado e calado, uma voz que não responde, o piar da morte, a porta que revela o monumento pendurado por uma corda, monumento que não transmitirá à posteridade a memória de uma pessoa notável, a volta triunfal era uma fantasia. Nelo retorna para fincar definitivamente suas raízes na cidade onde nasceu — do Junco saiu, ao Junco em pó retorna. A morte de Nelo é o fecho do primeiro capítulo, e o acordar de uma cidade: “*E foi assim que um lugar esquecido nos confins do tempo despertou de sua velha preguiça para fazer o sinal-da-cruz*” (ET, p.13); diz Totonhim no início do segundo capítulo, revelando-nos uma cidade que despertada pela morte evidencia sua vida sem pulso.

Junco, cidade preguiçosa de sopapo, caibro, telha e cal é ainda desnudada nos seus mais íntimos sofrimentos: no segundo capítulo, temos um panorama do lugarejo esquecido pelo tempo e castigado pela natureza do sertão baiano. Terra sofrida que faz sofrer seus filhos.

O Junco: um pássaro vermelho chamado Sofrê, que aprendeu a cantar o Hino Nacional. Uma galinha pintada chamada Sofraco, que aprendeu a esconder os seus ninhos. Um boi de canga, o Sofrido. De canga: entra inverno, sai verão. A barra do dia mais bonita do mundo e o pôr-de-sol mais longo do mundo. O cheiro de alecrim e a palavra açucena. E eu, que nunca vi uma açucena. Os cacos: de telha, de vidro. Sons de martelo amolando as enxadas, aboio nas estradas, homens cavando o leite da terra. O cuspe do fumo mascado da minha mãe, a queixa muda do meu pai, as rosas vermelhas e brancas da minha avó. As rosas do bem-querer:

— *Hei de te amar até morrer.*

Essa é a terra que me pariu.
— *Lampião passou por aqui.*

— *Não, não passou. Mandou recado, dizendo que vinha, mas não veio.*

— *Por que Lampião não passou por aqui?*

— *Ora, ele lá ia ter tempo de passar neste fim de mundo?* (ET, p. 14)

Se a morte do irmão faz Totonhim descrever sua terra, é, na verdade, para ele próprio e para família que se volta. O Junco é o fumo de sua mãe, a queixa de seu pai, as rosas de sua avó... a terra — lembranças, memória que envolve Totonhim. Entretanto, Junco é uma cidade esquecida. Na venda de Pedro Infante, alguém profere amor eterno a terra, outro revela que a cidade é um fim de mundo, nem Lampião teve tempo de visitá-la. A morte de Nelo desperta Junco e atíça Totonhim a caminhar pelos contornos de sua cidade. O narrador-personagem continua ainda a falar sobre o seu lugar natal, fica-se sabendo que Junco é uma terra em que seus filhos não fincam raízes profundas, a pobreza do lugarejo é sinal de abandono:

Moças na janela, olhando para a estrada, parecem concordar: isto aqui é o fim do mundo. Estão sonhando com os rapazes que foram para São Paulo e nunca mais vieram buscá-las. Estão esperando os bancários de Alagoinhas e os homens da Petrobrás. Estão esperando. Tabaréu, não: rapazes da cidade. [...]

— *Até as casadas enlouqueceram, e arrastaram os seus homens e suas filhas para as cidades — reclama-se na venda de Pedro Infante, o abrigo de todas as queixas. — Muitos maridos vão e voltam, sozinhos, com uma mão adiante e outra atrás. Sina de roceiro é roça. Vagaroso e solitário, o Junco sobrevive às suas próprias mágoas, com a certeza de quem já conheceu dias piores, e ainda assim continua de pé, para contar como foi.* (ET, p. 14)

A migração é fato comum em Junco. A cidade grande torna-se a panaceia das moléstias de uma terra situada nos confins do mundo. Os habitantes do Junco aventuram-se em busca de melhores condições de vida, entretanto, sua sina de roceiro já está traçada e possui mão de via única — a roça. Vão embora com as mãos vazias e da mesma maneira retornam.

A descrição do Junco, a morte do irmão e o processo migratório narrados nos trechos acima pelo narrador-personagem, não iniciam apenas uma história a ser desenvolvida, mas revelam o olhar de quem ao se encontrar num lugarejo situado nos confins do mundo, vê na realidade que o circunda um espaço de desolação, pobreza e esquecimento. Um lugar em que o tempo parado e sem vento permite que se escute o piar da morte. A cidade não mudou, nos diz Totonhim, uma terra que acorda de sua preguiça para fazer o sinal da cruz e que vagarosa e solitária sobrevive. A personificação do Junco parece ser um correlato das pessoas da própria cidade. Entretanto, há algo mais nas palavras proferidas por Totonhim, São Paulo é o lado inverso do lugarejo. Se verá mais adiante como a relação entre as duas cidades é estabelecida. Apenas observe-se aqui que a descrição do lugar feita pelo narrador-personagem poderia ser vista apenas como mais uma paisagem sertaneja da seca, da miséria que, de certo modo, justificaria a ida dos “rapazes” para São Paulo. O panorama do lugar, contudo, vai além da imagem de uma terra nordestina, mais que uma simples descrição, o olhar de Totonhim sobre sua terra é de crítica e distanciamento.

Se os habitantes insistem em sair dos limites do Junco, este continua sobrevivendo para contar os sofrimentos pelos quais já passou. Fica-se então sabendo por Totonhim que o Junco havia passado, em 1932, pela pior seca que já havia vivenciado, o lugar “*esteve para ser trocado do Estado da Bahia para o mapa do inferno*” (ET, p.15). Porém, continuou em pé assim como seus habitantes. Em 1933, as primeiras chuvas pareciam anunciar dias melhores, mas a morte parecia não querer deixar a terra: “*O que se viu mais tarde foi o dilúvio, a sezaõ e o impaludismo: desta vez o povo caía e morria tremendo, de frio*” (ET, p. 15).

Ao lado da seca e do dilúvio, o narrador-personagem passa então a falar de um cidadão do Junco. É-nos apresentado então Caetano Jabá, que lutou junto com Antônio Conselheiro, o único sobrevivente da guerra pela qual, em vez de uma medalha, deram-lhe um apelido e uma enxada: instrumento de seu sustento. Caetano Jabá profere que no ano dois mil o velho mundo será queimado por uma bola de fogo, restando apenas o “*día do juízo*”, ensinando as Sagradas Profecias, ele nos revela um Junco bíblico. Totonhim parece entender o que significaria na realidade esse juízo final:

— *E eu sei que esse dia está perto. Ora vejam bem: nossos avós tinham muitos pastos, nossos pais tinham poucos pastos e nós não temos nenhum [...] Isso também está nas Sagradas Escrituras. Muitos pastos e poucos rastos. Poucas cabeças, muitos chapéus. Um só rebanho para um só pastor.*

[...]

— *Qualquer dia o Anticristo aparece. Será o primeiro aviso. Depois o sol vai crescer, vai virar uma bola do tamanho de uma roda de carro de boi e aí — dizia papai, dizia mamãe, dizia todo mundo.*

Ninguém disse, porém, se a vinda da Ancar estava nas Sagradas Escrituras. Ancar: o banco que chegou de jipe, num domingo de missa, para emprestar dinheiro a quem tivesse umas poucas braças de terra. (ET, p. 16-17)

Se a escassez dos pastos estava profetizada nas Sagradas Escrituras, Totonhim indaga porque então a vinda da Ancar não foi prevista. Banco que foi a ruína do pai, acreditando nos bancários, fez o empréstimo e ainda acatou a sugestão deles: plantou sisal. O investimento foi negativo e as dívidas cobradas. O pai perde tudo. Foi nesta época que Nelo, aos dezessete anos, decide ir embora, mas espera mais três anos para efetivar sua decisão de deixar o Junco, três anos “*sonhando todas as noites com a fala e as roupas daqueles bancários — a fala e roupa de quem, com toda certeza, dava muita sorte com as mulheres*” (ET, p. 18).

Pode-se então dizer que o Junco é, assim, desnudado pelo narrador-personagem. O curioso de seu relato não é o desnudamento em si do lugar, mas o que esse desnudamento afeta e revela de Totonhim e dos outros personagens principais. O distanciamento do olhar de Totonhim é de alguém que vê através da própria narração as deficiências de um lugar esquecido nos confins do mundo. Ora, totonhim salienta que ninguém previu nas Sagradas Escrituras que a Ancar viria, desse modo, o olhar crítico do narrador personagem vai além, repetimos, de uma

simples descrição. É preciso, então, observar nas palavras de Totonhim o distanciamento que ele próprio opera na representação do lugar que descreve e a que pertence.

Totonhim, na verdade, firma-se como narrador-personagem ou como o autor prefere utilizar — narrador-protagonista, desde do início do romance, com paralelo valor expressivo. O fato de Totonhim narrar a volta e morte do irmão, de delinear sua cidade, assim como falar dos outros personagens ou destes tomarem a voz narrativa etc., não torna menor, evidentemente, sua expressividade. Além de que, é preciso salientar, o romance apresenta diferentes nuances de narrador.

Vê-se que a migração é um fato comum em Junco. A miséria do lugar abala as raízes de seus habitantes que lançam um olhar para as grandes cidades e enxergam nelas o solo que acreditam ser mais nutritivo para suas necessidades e sonhos. Nelo vai em busca dessa nova terra — São Paulo —, mas lá ele encontrará do mesmo modo um terreno seco e arenoso. A metrópole, a cidade urbana é sempre imaginada como modelo de progresso, desenvolvimento: “[...] gente se amontoando na janela do sargento, para ver a novela das oito, na televisão — esse milagre que só um homem da capital poderia nos ter revelado” (ET, p. 53). O Sul é o arcabouço da modernidade, da tecnologia, do avanço, as metrópoles são atrativas e cobiçadas pela miséria da vida sertaneja que é representada como pobreza, desolação, isolamento. E da cidade grande vem os bancários, os homens da Petrobrás, e o homem da capital traz milagres tecnológicos (a televisão) para o Junco, como não se deixar seduzir? Nelo caiu nas malhas da sedução metropolitana. Entretanto, ele não consegue a vida que desejava e nem se torna um paulista rico. Primeiro neto e primeiro filho, o preferido da mãe:

A mala me fez pensar no correio e nos envelopes gordos de antigamente, que chegava de mês em mês. Dinheiro vivo, paulista, rico. Também me lembrei de mamãe: — Tomara eu tivesse mais um filho igual a ele. Bastava um.

Nelo, Nelo, Nelo.

Um acalanto, uma toada, uma canção.

Nelo, Nelo, Nelo.

*Miragens sobre o poente, nosso sol atrás da montanha, sumindo no fim do mundo.
Nelo, Nelo, Nelo.*

*São Paulo está lá para trás da montanha, siga o exemplo do seu irmão.
Nelo, Nelo, Nelo.*

*Éramos doze, contando uma irmã que já morreu. Só ele contava.
Nelo, Nelo, Nelo. — Bastava mais um. (ET, p. 20)*

No trecho acima, retirado do terceiro capítulo da primeira parte do romance, Totonhim relata

o seu encontro com Nelo, no dia em que este chega ao Junco. A presença da mala do irmão o faz lembrar das cartas que Nelo enviava para a mãe. É interessante notar que os “envelopes gordos” foram recebidos apenas num determinado período, o “antigamente” revela a perda de peso dos envelopes com o passar do tempo. Havia uma ilusão de que o primogênito era um paulista rico, mesmo quando o dinheiro diminui, a ilusão persiste, mas ela é ferida quando Nelo se mata. Ele também é um exemplo a ser seguido, para a mãe, diz Totonhim, apenas o irmão contava. Nelo tinha ido atrás do sol atrás da montanha, São Paulo.

A linguagem da obra chama atenção por sua singularidade. O que envolve *Essa Terra* de um valor estético-literário. A personificação do lugar que acorda e é vagaroso e solitário, o pássaro Sofrê, a galinha Sofraco, o boi Sofrido — o desnudamento do lugar é envolto numa metafóricidade. São Paulo transforma-se num elemento natural, Nelo em música que acalma, tranquiliza — imagens são criadas. O que poderia ser apenas um simples relato, configura-se numa nova dimensão de sentido.

Nelo vai embora, entretanto, o sol não foi generoso com ele, pois retorna sem riqueza: “— Não se esqueça que eu dei conselho a seu pai, para ele deixar você ir embora — o primeiro visitante vinha cobrar os juros de um empréstimo a longo prazo” (ET, p. 24); Totonhim salienta a cobrança de um conhecido, a ilusão da riqueza de Nelo continua viva na esperança do povo. O primogênito é cercado pelos familiares e conhecidos que desejam ver concretamente o dinheiro da metrópole, o lugarejo recebe Nelo com cobranças que há vinte anos esperam por quitação: “— Paga uma? Quero ver a cor do dinheiro de São Paulo — parentes afoitos correm os olhos em busca da mala” (ET, p. 25); procuram por “lembrancinhas”, não há nada para ninguém. A imagem do monumento vivo começa a apresentar rasuras: “— Ah, Nelo. Tu tá rico como o cão, não é? — Dá para ir vivendo — ele disse —, mas suas palavras não destruíam toda a nossa ilusão” (ET, p. 25). Ilusão ainda em parte mantida, até o momento que a morte do irmão se concretiza. Totonhim então percebe que, na verdade, Nelo não ficara rico, os bilhetes de loteria vencidos encontrados em sua carteira, depois do suicídio, evidenciam a busca da fortuna pela sorte.

São Paulo não foi realmente generoso com Nelo, na cidade grande ele também encontrou terreno sertanejo para seus objetivos, uma vida melhor não conseguiu vivenciar. A sua ida a São Paulo significava também o seu oposto — a volta, imaginada como retorno triunfal, libertador da pobreza. Todavia, seu retorno não foi redentor, mas conflituoso. Ao chegar em Junco, Nelo vivencia uma experiência transcultural: ele parece estar ao mesmo tempo em Junco e em São Paulo.

No quinto capítulo de — “Essa Terra Me Chama”, o narrador-personagem Totonhim relata o momento em que ele e o irmão caminham juntos em direção à casa onde haviam nascido. Nelo, Totonhim salienta, estava bêbado. Em determinado momento da caminhada, Nelo quer ir à casa da sua mulher, pede que o irmão mude de rumo e o leve até ela. Totonhim admira-se, pois não sabia que o irmão era casado. Explica que não sabe onde fica, mas Nelo insiste: “— Deve ser um Itaquera. Ou no Itaim. — Onde diabo fica isso? — Perto de São Miguel Paulista” (ET, p. 35). Nelo pensa estar em São Paulo. O narrador-personagem descobre ainda que o irmão tem dois filhos, Nelo diz estar com saudades deles, pois não os vê faz mais de um ano. Totonhim responde que ele só está ali há três semanas, não sabe que a mulher havia

deixado o irmão por um conterrâneo e levado consigo os filhos. O narrador-personagem tenta situá-lo: “— *Nós estamos no Junco, homem. Quantas vezes na vida você passou por essa estrada? Lembra?*” (ET, p. 35). Nelo então recorda das vezes que passava por aquele caminho com uma lata de leite na cabeça e os sapatos no pescoço. Mas, em seguida, pede novamente ao irmão que o leve até a mulher. Voltar ao lugar onde nasceu, às ruínas da casa natalícia, o remete à ruína da casa paulista: a perda da mulher e dos filhos. Nos dois lugares fracassou.

Ora, Nelo está em Junco, porém pensa estar em São Paulo. Poderíamos pensar que a sua confusão se deve ao fato de Nelo estar bêbado. Entretanto, num determinado momento ele recorda do caminho que percorre. Na verdade, os dois lugares passam a ser vivenciados de forma transcultural. A destruição de uma casa evoca a ruína da outra: há um “diálogo (uma harmonia) incômodo” entre a casa natalícia e a casa paulista, entre sentimentos de perda e de encontro. Os dois lugares, dessa forma, parecem semelhantes, embora sejam diferentes.

A caminhada dos irmãos continua. Nelo pede a Totonhim para se esconderem numa moita, pois estava chovendo e a chuva era verde. Totonhim responde dizendo que, na verdade, estava fazendo um sol muito forte. Nelo insiste e diz que chove verde em seus olhos. Totonhim então olha entre o olho e a lente verde dos óculos do irmão, fala que ele tinha razão, mas que era uma chuva fininha. Chuva no sertão, em terra seca, é sinal de esperança, de colheita, de matar a sede. Entretanto, a chuva é escassa, fininha, não é o bastante para acarretar uma mudança. Totonhim, então, aponta a casa. Nelo pára, dá alguns passos à frente para que o irmão não o visse limpando os óculos e diz:

— *Você está certo Totonhim. Não teve chuva nenhuma. Ele agora contemplava a casa e os pastos como se estivesse diante do túmulo de alguém que tivesse amado muito — e o efeito do que estava vendo devia ser muito forte, porque já não parecia tão bêbado como antes.*
— *Vamos voltar?* (ET, p. 38)

Nelo não quer ir mais adiante e volta, como salienta o narrador-personagem, “calado, fechado, trancado”. A sobriedade repentina de Nelo é a consciência de seu fracasso: o túmulo — a casa, é ele próprio e a família que não conseguiu ajudar. A chuva verde não é suficiente para reverter a situação.

Junco e São Paulo estão adornados na memória de Nelo e ligados entre si pela desilusão, pelo fracasso e sofrimento. As duas cidades tornam-se uma terceira: de configuração sertaneja-metropolitana:

Eles me agarraram pelas orelhas e pelo pescoço e bateram a minha cabeça no meio-fio da calçada. Berrei. Que meu berro enchesse a rua deserta, subisse pelas paredes dos edifícios [...], rachassem as nuvens pesadas e negras da cidade de São Paulo e fosse infernizar o sono de Deus: — Socorro. Estão me matando. Uma luz se acendeu ao meu terceiro grito e um homem chegou à janela. Ficou olhando. Eles continuaram batendo minha cabeça no meio-fio. A luz entrou no meu olho, dura e penetrante,

como a dor. [...]. Foi nesse momento que a mão de papai apareceu, me oferecendo um chapéu. — Cubra a cabeça. Assim dói menos. Tentei esticar o braço mas, quando a minha mão já estava quase agarrando o chapéu levei nova pancada. — Você me denunciou, Totonhim. Olhe o resultado. Fuxiqueiro de merda.

[...]

Papai desapareceu sob as águas. O chapéu boiava na correnteza. Às margens plácidas, águas turvas.

Tietetânicas.

[...]

Eles estão mijando na minha cara e eu estou tomando banho no riacho lá de casa, as águas do riacho lá de casa vão para o rio de Inhambupe que vai para o rio Tietê, seguro um tronco de mulungu, para não me afogar, bato com as pernas na água, devagar, sem pressa, para não me afogar, o tronco escorrega e escapole, desço ao fundo, enfio a cara na lama, volto à tona, estou me afogando: — socorro.(ET, p. 55-60)

Confundido com um ladrão, Nelo sofre uma surra da polícia de São Paulo. Neste décimo capítulo, ainda da primeira parte — “Essa Terra Me Ama”, é o próprio Nelo que passa a narrar o evento. O capítulo já inicia com a descrição da sova, mas é interessante observar que a rememoração do fato se faz provavelmente em Junco, pois Nelo não sabia da existência de Totonhim até voltar ao lugarejo onde nasceu. Como então acusá-lo pelo mal que estava sofrendo? Subjetivamente Nelo interliga pessoas a fatos de espaço-tempo diferentes. As duas cidades e a família passam a co-existir nas suas lembranças de forma simbiótica. A confusão de Nelo denuncia o estado de quem viveu a experiência de estar “entre-lugares”, de vivenciar o contanto intercultural. A confusão entre as duas cidades é a fragmentação da sua própria identidade.

Durante a agressão Nelo vê o pai tentando dar a ele um chapéu, que representa a sanidade. O pai já havia ensinado que o chapéu fora inventado “*nos tempos de Deus Nosso Senhor*” (ET, p. 122), para que o homem não andasse com a cabeça no tempo, já que assim perderia o juízo. O pai, no passado, havia lhe dado um chapéu que Nelo esquecera ao sair de casa. E naquele momento tentava novamente dar outro, mas não para salvá-lo de perder o juízo, pois já era tarde. O tempo em São Paulo andava perdido no juízo de Nelo.

O pai também ensinou Nelo a nadar utilizando um tronco de mulungu, que nas águas do rio Tietê reaparece como ponto de apoio, de salvação. O riacho onde aprendera a nadar em Junco é o mesmo que deságua nas margens plácidas, turvas, “tietetânicas” do rio em São Paulo. Todavia, de suas margens não se escuta “o brado retumbante” de um “povo heróico”, e sim o grito de um homem fracassado e sendo torturado ao ser confundido com um ladrão.

A surra de Nelo não é apenas uma tortura física, mas também de conflito psicológico. O momento da agressão é lembrança confusa da terra natal:

O mijo corre quente e fedido, é a chuva que Deus mandou na hora certa, viram como foi bom

a gente plantar no dia de São José? Ajudei papai a plantar o feijão e o milho, eu, mamãe, as meninas e os trabalhadores, e todo dia eu acordava mais cedo, para ver se a plantação nascia [...]

— Aonde você escondeu o dinheiro, ladrão?

Não, não, não.

Papai, tomara que tudo melhore, eu penso nisso o tempo todo, tomara que tudo melhore. Nossos pastos já foram verdes, eu sei. Já não temos mais pastos. Preciso mandar um dinheiro para o senhor comprar de novo a roça e a casa que o senhor vendeu, tomara que tudo melhore. Faço fé na loteria, toda semana. Jogo, perco, jogo, perco, nunca acerto. Trabalho duro, tento me regenerar, até parei de roubar, digo, parei de beber.

[...]

Zé está me matando. Eles estão me matando. Devem ser uma dúzia de homens, fardados e armados. Aqui no meio da rua. Na grande capital.

Dinheiro, dinheiro, dinheiro.

Cresce logo, menino, pra você ir para São Paulo.

Aqui vivi e morri um pouco todos os dias.

No meio da fumaça, no meio do dinheiro.

Não sei se fico ou se volto.

Não sei se estou em São Paulo ou no Junco. (ET, p. 61-62)

Nelo recorda-se da família, do Junco. Denuncia seu fracasso, a loteria seria sua salvação e de seus familiares. Confunde-se, por um momento, parecia acreditar que de fato era um ladrão, e assim fica-se sabendo do seu problema com a bebida. Zé do Pistom é o seu agressor, conterrâneo a quem ajudou conseguir um emprego em São Paulo, e que, como gratidão, roubou sua mulher e seus filhos. Nelo relembra em suas palavras a vontade da mãe, realizou seu desejo e agora confuso não sabe o que fazer: vai embora, retorna, é São Paulo ou Junco?

No quarto capítulo da terceira parte do romance — “Essa Terra Me Enlouquece”, Nelo expressa a mesma dúvida. Neste pequeno capítulo, a casa do avô, onde fica hospedado quando volta ao Junco, o faz refletir sobre o passado numa noite de insônia. O avô retorna para reclamar de sua fraqueza que antes já havia delatado: “— o pai vendeu a roça, para seguir a cabeça da mulher. O filho é um fraco igual ao pai” (ET, p. 121). Lembra também do conselho do pai: usar o chapéu, pois quem anda com a cabeça no tempo perde o juízo. Sonhava quase todas as noites com o pai lhe dizendo o mesmo conselho, mas Nelo foi embora e esqueceu de levar o seu chapéu. Ele passa então a achar que passara a vida com a cabeça no tempo porque esquecera de levá-lo. E a saudade invade Nelo, a mulher encena em seus

desejos, ele a deseja de volta junto com os filhos: *“Uma confusão de desejos, arrependimentos e dúvidas. Estragado pelos anos, esbagaçado pelo álcool, já não via por onde recomeçar”* (ET, p. 121); o narrador-personagem Totonhim resume o estado do irmão. Noite de insônia reveladora, Nelo continua pensando sobre sua terra, terra que diz ser selvagem, onde tudo já está condenado desde do começo. Terra de sol e chuva selvagens, sol que queima o juízo e chuva que arranca as cercas *“deixando apenas o arame farpado, para que os homens tenham de novo todo o trabalho de fazer outra cerca, no mesmo arame farpado. E mal acabam de fazer a cerca têm de arrancar o mata-pasto, desde a raiz. A erva daninha que nasceu com a chuva, que eles tanto pediram a Deus”* (ET, p. 124). Junco está condenado ao ciclo da erva daninha, entretanto, ela não é aqui apenas a representação da miséria de um lugar, mas é também a erva daninha da lembrança que invade Nelo arrancando-lhe também a cerca de sua estabilidade subjetiva. A insônia é o balanço de sua vida.

Junco e São Paulo possuem a mesma medida de conflito, o tempo devorou o lugar de Nelo em ambas as cidades, fincar raízes parece ser agora utopia. Na verdade, as raízes de Nelo estavam no ar, no terceiro espaço entre São Paulo e Junco: *“— É por isso que não sei se volto ou se fico. Acho que tanto faz. Porque o tempo que comeu o meu chapéu de palha, agora está comendo o lugar que deixei em São Paulo”* (ET, p. 124). O “parentesco” entre Junco e São Paulo não é uma identificação arbitrária. A semelhança entre os dois lugares coloca em suspenso suas diferenças: entre uma cidade considerada como o cerne do progresso e a outra como atraso, uma ponte intersecciona a metrópole e o sertão: a pobreza, a desilusão, o sofrimento, a falta de oportunidades.

Em ambas as partes “Essa Terra Me chama” e “Essa Terra Me enlouquece”, a dúvida de Nelo é expressa da mesma forma, porém gerando uma ambiguidade: não sabe se fica (em Junco, São Paulo?) ou vai embora (de Junco, São Paulo?). Essa terra que chama e enlouquece é Junco, é São Paulo. O demonstrativo “Essa”, neste caso, mais do que indicar um distanciamento de Nelo em relação as duas terras, marca a ambiguidade de referência.

Citou-se aqui que a confusão de Nelo no que concerne as duas cidades é a fragmentação da sua própria identidade. Ora, se o contato intercultural propicia viver processos de identificação num sentido transcultural, Nelo não foge ao padrão. Ele retorna com “costumes de outras terras”, como observa Totonhim, ao vê-lo pela primeira vez: *“Chego e interrompo a velha e sincera conversa do hoteleiro. Também foi sincero o sorriso do recém-chegado, ao apertar a minha mão. — Muito prazer — ele diz. Costumes de outras terras, eu penso, balançando a cabeça de um lado para o outro abismado”* (ET, p 19). No mesmo capítulo em que estão indo juntos rever a casa onde haviam nascido, o narrador-personagem ainda ressalta a fala paulista do irmão: *“— Totonhim... você não é o Totonhim? Maneiras paulistas: o fulano, a fulana. Tive vontade de lhe dizer que povo daqui não gosta de quem fala assim. Na frente, louva-se o sotaque novo do cidadão. Por trás —”* (ET, p. 34). É evidente que morando vinte anos em São Paulo, Nelo teve que se adaptar, que renegociar seus valores e costumes. Em suma, o processo de transculturação se fez presente em sua vida. Contudo, tal processo, como viu-se, não envolve um movimento linear, tranquilo; mas um “diálogo (uma harmonia) incômodo” entre “fragmentação e coerência”, “construção e desconstrução”, “síntese e simbiose”. Isto é, torna evidente as semelhanças e diferenças de forma a problematizar as relações entre forças antagônicas que se entrelaçam e ao mesmo tempo são justapostas e contestadas, sem que de fato haja uma hierarquização absoluta.

Desenvolvimento e subdesenvolvimento são os dois lados do mesmo Brasil, o sul não é o redentor e o nordeste a simples vítima de uma natureza devastadora. Nelo é a representação dessas duas faces, ele evidencia a contradição de um espaço nacional pensado em termos dicotômicos, como se a “falta de sorte” que viveu não estivesse relacionada aos aspectos sócio-econômicos mais amplos do país. Todavia, as faces que ele revela não estão apenas ligadas a uma questão material, a dúvida de “ir ou ficar” revela uma identidade fragmentada. Não estar em Junco ou em São Paulo significa que não tornou-se nem paulista, nem baiano: o que se tornou então? E aqui amplia-se a questão para além de uma problemática de pertencimento: tornou-se um baiano-paulista pobre? Tornou-se uma decepção? O suicídio de Nelo é indício de confusão subjetiva, decepção de retorno triunfal, não alcançado, o desconforto de saber que fracassou, é a demonstração da trajetória de alguém que viveu “entre-lugares”.

A migração da família tinha se tornado fato corriqueiro, Nelo foi o primeiro, os outros seguiram seu exemplo, embora não tenham ido como ele além das fronteiras do estado. Nelo continua a fazer perguntas sobre a família, indaga se o pai não ajuda em nada e Totonhim silenciosamente pensa dizer-lhe “— *Me fale de coisas boas. Chegue à frente e me fale de você. Conte tudo de bom, todas as belas aventuras que você já viveu: palha e lenha dos meus sonhos. Mas ele insistia e perguntava e remoía, enquanto estalava os dedos e se agitava, me agitando. — E os outros? Também não dão nada?*” (ET, p. 23). Totonhim não queria falar sobre a família, sobre o passado. Ele estava interessado na história de Nelo, queria mais lenha e palha para seus sonhos, agora com a presença do irmão estes poderiam ser concretos. Passa-se a observar, então, que Nelo seria para Totonhim a personificação de São Paulo, ou melhor, do diferente, da novidade. Mas Nelo insiste nas perguntas, Totonhim só tem decepção para contar. Totonhim pensa em dizer que de fato os irmãos não dão nada, eles mal conseguem ter o que comer, e ele próprio abandonara a casa em Feira de Santana, pois não aguentava mais a vida que levava, a sua insignificância perante a mãe: Entre nós só uma estrela brilhou. Está tudo gravado na minha memória. Ouça:

— *Ninguém faz nada por mim. Ninguém me ajuda em nada. Reconhece esta voz? Continue ouvindo. Continue:*

— *Tenho doze filhos e me sinto tão sozinha. Se não fosse Nelo.*

Espere mais um pouco:

— *Não vou passar sua roupa. Não sou sua empregada. E agora atenção:*

— *Os incomodados que se retirem.*

Eis porque me retirei. Quer um conselho? Vá lá. Viva uns tempos com eles. Assim você não precisará de minhas explicações. Tente saber o que é passar a vida dentro de um saco de gatos, com um rombo no fundo. Os gatos entram, se arranham e vão descendo pelo fundo do saco. Comi os farelos enquanto pude suportar, agora... (ET, p. 24)

Totonhim pensa em dizer ao irmão tudo o que havia registrado em sua memória. Para a mãe, só Nelo importava. A casa, porém, se enche de gente atrás do monumento vivo, e as palavras de Totonhim ficam mais uma vez reservadas na memória. A fala dele ainda revela sua relação conflituosa com a família, enquanto o irmão estava longe e sendo venerado pelos parentes, ele suportou comer os poucos farelos de vida que lhe ofereciam. Nelo estava longe e nem sabia da atual situação da família, perdido da manada, a realidade das respostas de Totonhim o incomodava. Entretanto, Totonhim estava perto da manada, vivenciou os problemas da família, cresceu escutando a mãe venerando o irmão. A presença e morte de Nelo, portanto, significam a rememoração e reflexão de Totonhim sobre sua história, família e Junco.

Através do narrador-personagem Totonhim observa-se Junco como figura de crise, instabilidade, de pobreza; por ele, vê-se também uma família em crise, instável, pobre. Seriam Junco e família a mesma coisa? Parece que sim, ambas sofrem pela seca, em ambas a migração se faz presente. Não há como separar bem o sofrimento da terra do sofrimento das pessoas. Totonhim é o narrador-personagem que evidencia uma distância crítica em relação aos problemas do Junco, que se posiciona de modo reflexivo em relação à terra e aos outros.

Totonhim projeta-se em Nelo, palha e lenha dos seus sonhos, o irmão é também o entendimento de si mesmo. Ora, Totonhim era abafado pela imagem modelo do irmão, a mãe só conseguia enxergar Nelo, embora este estivesse longe. Quando o irmão morre, entre o rádio, o relógio e os óculos do irmão, Totonhim prefere ficar com o último. A escolha suscita algumas questões: com os óculos ele poderia então ver as coisas como Nelo, ou ser como ele? Vendo o mundo como Nelo, a mãe passaria a enxergá-lo? A escolha talvez tenha sido inconsciente, mas ela revela uma crise identitária.

Em relação ao pai e à mãe, ambos representam de um certo modo o próprio Junco. A mãe é a terra que faz os filhos irem embora de casa; o pai é a terra no sentido de territorialidade, ele é o único a querer ficar em seu espaço e foi o único a não concordar que Nelo fosse para São Paulo. A mãe queria que os filhos estudassem, via na cidade a resolução de seus problemas, não desejava que o passado dela se repetisse com as filhas, então deixa a roça e vai para Feira de Santana:

— *Meu pai me tirou da escola quando escrevi o primeiro bilhete da minha vida para um namorado. Não posso deixar que aconteça a mesma coisa com as minhas filhas. De fato não deixou. Justiça se lhe faça. Acabamos todos nos arranchando numa casinha pobre de uma rua pobre de um bairro pobre, sem luz, sem água, sem esgoto, sem banheiro. Mamãe alugou a casa fiando-se no dinheiro que mandavas todo mês e, quando atrasavas a remessa, era um deus-nos-acuda. Vivíamos permanentemente debaixo do medo de sermos postos da rua. Ela passou a se desdobrar em trinta numa máquina de costura, enquanto esperava o feijão e a farinha que o velho mandava da roça. De vez em quando ele vinha, para reclamar de tudo* (ET, p. 156).

Entretanto, a ida da família para a cidade de Feira de Santana não trouxe grandes transformações, pelo contrário, a pobreza era ainda mais significativa. A própria roça abandonada era ainda uma ajuda. Nesse trecho da última parte do romance — “Essa Terra Me Ama”, Totonhim leva a mãe para o hospital, que após ver o filho morto, passa por um surto

de loucura, no caminho, ela fala de fatos passados, a loucura é a lembrança de sua vida.

No romance, a mãe é uma figura importante da história. Há na relação que ela estabelece com os filhos e o marido questões que perpassam pelo papel da mulher na família, na sociedade. Verificar, por exemplo, a posição que ela exerce no romance, talvez revele sua função como mãe, esposa e mulher numa outra ordem representativa.

O pai havia relutado, por um tempo, em sair do seu lugar. Até resolver ir também para Feira de Santana, onde sua mulher e filhos já estavam. Ele culpava a mulher por sua ruína. Se ela não tivesse a ideia fixa de ir para cidade, os filhos teriam ficado e ele não teria tido a necessidade de contratar trabalhadores, nem fazer o empréstimo no banco. Para ele, escola não enchia barriga de ninguém, mal sabia assinar seu nome, pois sua *“Escrita era outra e essa ele tinha orgulho de fazer bem: riscos amarronzados sobre a terra arada, a terra bonita e macia, generosa o ano inteiro, desde que Deus mandasse chuva o ano inteiro. A melhor caneta do mundo é o cabo da enxada”* (ET, p. 68). A melhor caneta do mundo, entretanto, havia produzido uma dívida no banco. O pai então decide vender tudo para saldar a dívida e ir embora. Antes de ir para Feira de Santana, pensa, por um momento, em ir para São Paulo ou Paraná, acha que em um desses lugares encontraria uma roça para cuidar, como se fosse o dono. A ideia do pai foi muitas vezes recebida por Nelo que, também repetidas vezes, não respondeu. Até o dia em que a mãe recebeu uma carta em que o primogênito avisa que a metrópole não era lugar para o velho pai, ele não ia se acostumar com a cidade, e que, portanto, desistisse da ideia. O pai compreende a atitude do filho como vergonha, Nelo não o queria *“no meio das suas civilidades. Eu sou da roça e não tenho as novidades dele. É por isso”* (ET, p. 69). Em suma, o pai é o sentimento de territorialidade, de pertencimento, de fincar raízes, de continuidade do passado; a mãe de desterritorialidade, de dispersão, de soltar as raízes, de ruptura com o passado; ambos são Junco, ambos tornam ambígua a terra.

Há no romance *Essa Terra* uma visão problematizadora e crítica não só da vida, do lugar — das condições da região, como também das relações que os personagens estabelecem entre si e com a terra, relações que estão ligadas a um contexto sócio-econômico mais amplo. Por isso, o romance atualiza a vertente crítica e rompe com a vertente mítico-nostálgica, uma vez que o espaço regional em *Essa Terra* é dilacerado no que ele tem de “crise”, é colocada à vista a “espoliação econômica” que se escondia num discurso que buscava num espaço nordestino a expressão de uma identidade nacional. Além de que o romance não possui, como veremos adiante, um “caráter pitoresco e folclorizante”. A abordagem da temática sertaneja em *Essa Terra* se afasta seja de uma metonímica glorificação do País, característica do Romantismo, seja de uma crítica externa de raízes sulinas ou litorâneas e de bases positivistas e deterministas, que, expressa sobretudo nas últimas décadas do século XIX e nas primeiras do século XX, atribuía a miséria da região às condições mesológicas e/ou à formação étnica da sua população.

De fato, no romance a miséria da região não advém de “condições mesológicas” ou da “formação étnica” dos habitantes do Junco, nem os elementos que representam um espaço nordestino, e que estão presentes no regionalismo tradicional (a seca, a religiosidade etc.), não estão em primeiro plano no romance, mas são secundários e circunstanciais: o foco de interesse, agora, é o processo político e sua repercussão na atividade e na consciência do indivíduo; é o processo econômico e sua interferência na vida familiar e comunitária. O processo migratório que ocorre em Junco, a ruína do pai, a ida de Nelo para São Paulo, o

desejo e a luta da mãe para que os filhos estudassem estão, de fato, relacionados e abarcados por um processo econômico (que passa a ter outras configurações, é o que veremos também no próximo tópico) que afeta suas vidas e relações.

A relação entre Totonhim e a mãe parece refratar bem essa ambiguidade do processo de identificação. Ambos têm entre si a “expressão de um laço emocional”, todavia, um laço emocional expresso pelo afastamento. Ao contrário da relação de aproximação entre a mãe e Nelo, havia entre os dois um certo tipo de identificação, a mãe uma vez disse a Totonhim: “*Eu queria ser homem para poder mandar no meu destino. Ir para onde bem entendesse, sem ter que dar satisfações a ninguém*” (ET, p. 152). A partir desta fala, se pode observar que Nelo, na verdade, é ela própria, isto é, ele representa aquilo que ela desejava para si, pois o primogênito foi embora para onde queria, tornou-se dono de seu destino. Entendemos então a predileção da mãe pelo filho mais velho. Totonhim, de modo diferente, aos olhos da mãe é a imagem inversa de Nelo, Totonhim é o “ficar”, é a terra de vida difícil, ele representa o que a mãe não deseja. Há, entretanto, uma identificação da mãe com Totonhim, visto que ele torna visível aquilo que a mãe não queria para ela. É possível então compreender porque a relação de Totonhim com a mãe é de afastamento, era como se ele não existisse, apenas Nelo importava. Diz-se, desse modo, que Totonhim era invisível perante a mãe, sua invisibilidade, porém, será paradoxalmente sua reapresentação diante dela.

“*Quem sou eu?*” (ET, p. 105); assim inicia o primeiro capítulo da terceira parte — “*Essa Terra Me Enlouquece*”. A mãe que não suportando ver o filho Nelo morto, passa a vivenciar um surto de loucura, a sua pergunta é direcionada a Totonhim e feita corpo a corpo:

Uma coisa eu acabava de descobrir: éramos do mesmo tamanho. Eu e ela, ali, corpo a corpo. Como dois namorados que se reencontram depois de uma longa ausência e se apertam, se apalpm, antes de um longo e apaixonado abraço. Pela primeira vez na vida tive vontade de abraçá-la. Só não o fiz porque não pude. Ela estava apertando o meu pescoço com toda a força que ainda restava em suas duas calejadas e ásperas mãos [...]

— *Você se lembra de mim? Quem sou eu?*

Ia dizendo: — A senhora é a filha mais velha daquele homem que está ali, pregado na parede. E a mãe daquele outro que está ali, estirado no chão dormindo pra sempre. Eu queria falar mas não conseguia. Enquanto ela permanecesse com suas duas mãos apertando o meu pescoço, eu não ia poder dizer-lhe nada (ET, p. 107).

A mãe enforca Totonhim, querendo inconscientemente que tivesse sido ele o filho a se enforcar. O narrador-personagem revela em sua fala o distanciamento entre ele e a mãe, mas a morte os coloca novamente face à face e o reencontro é sinal de descobertas: ter o mesmo tamanho significa também ter semelhanças, embora houvesse entre eles distanciamento, identificações existiam, e Totonhim começa a percebê-las. Ele demonstra sinal de afeto e pela primeira vez sente vontade de abraçar a mãe, mas ela o “abraça” primeiro, e o afeto é sufocante. Ela repete a pergunta, Totonhim pensa em respondê-la, mas suas palavras não podem sair e o que lhe ocorria agora era só uma pergunta: “*Por que a senhora está me matando? [...] Nunca nos amamos, eis tudo*” (ET, p. 107). Totonhim não quer morrer sem

saber o porquê da atitude da mãe, pensa então que a falta de amor entre dois seria o motivo. A relação dele com a mãe não foi equilibrada, ela o sabia, havia muitos desafetos. O enforcamento de Totonhim o faz sentir como se estivesse apanhando mais uma vez da mãe, era como se ela estivesse *“batendo de novo e dizendo que eu precisava criar juízo, me endireitar. E dizendo de novo: — Uns nascem para o bem. Outros para o mal”* (ET, p. 108). O “bem” (Nelo) estava morto, o “mal” (Totonhim) não, era para ser o inverso, por isso a mãe o enforca. Totonhim, porém, mesmo sem respiração, ainda consegue enxergar naquelas mãos a maternidade da mãe. Diz que nem tudo em relação a ela tinha sido ruim, a mãe era quem cuidava dele também, cortava seus cabelos, dava-lhe banho... O rosto louco da mãe, entretanto, não se faz presente pela primeira vez, as mãos que lhe tiram o fôlego foram as mesmas que o expulsaram de casa quando foi pedir ao pai a sua parte na venda da roça: *“(Aquilo tudo era nosso, eu disse. E ‘nós’ significa ‘eu também’. Não me deram nada e disse: — Um dia volto aqui e mato todos vocês. Fui excomungado, para todo o sempre. Não voltei mais lá e não matei ninguém. Mas continuo excomungado.)* (ET, p.108). Ele não foi apenas afastado da família, mas excomungado, perdera qualquer vínculo com os pais, e a ameaça de morte se faz agora pela parte ofendida.

Totonhim quer saber o motivo de sua morte, quer ouvir uma resposta da mãe, porém a pergunta não pode ser nem sequer ouvida. Num determinado momento, a mãe parece ouvir o pensamento do filho para que ela o soltasse, Totonhim sente as mãos da mãe lentamente afrouxarem e soltar sua garganta. Foi aí que ele respondeu: *“— A senhora é a minha mãe — eu digo, certo de que estava dizendo uma verdade absoluta”* (ET, p. 109); mas ela diz que não é mãe dele e começa a apertar-lhe o pescoço novamente, ela fala que é o arcanjo Rafael. Totonhim concorda com ela e só assim ela devolve novamente a ele sua respiração. Interessante ressaltar que o arcanjo Rafael significa “aquele que cura”, a mãe deseja então “curar” o filho da morte?, pois só um milagre o traria de volta à vida. A resposta da mãe é também a negação de sua maternidade em relação a Totonhim. Ela não suportou ver Nelo morto, a pergunta “quem sou eu?” evidencia a separação dela do filho, ela perdera um pouco de si mesma.

A morte de Nelo desencadeia o surto de loucura da mãe e intensifica a invisibilidade de Totonhim. Entretanto, ambos — loucura da mãe e invisibilidade de Totonhim — passam a dialogar entre si, nessa “conversa” Totonhim se reapresenta diante da mãe, e passa não só a entender mais a si mesmo, como a própria mãe. Vejamos: Totonhim percebendo que a mãe não estava bem, resolve levá-la ao hospital em Alagoinhas. Durante o trajeto a mãe passa por momentos de delírios e enjôos, passado e presente se misturam, a memória de sua vida vem à tona com toda a sua força de realidade. Memória que afeta também Totonhim e o faz ir ao passado em busca da compreensão de tudo que estava acontecendo:

— Pena que eu não joguei hoje. Vai dar cavalo. Nelo, meu irmão, o dinheiro que você manda ela enterra todo no bicho, em estranhos bolos e prestações que não se acabam nunca. Pensei que depois que pagasse a televisão ia ficar sossegada. Não ficou. Quando você demora de mandar ela fica arrancando os cabelos, sem saber o que fazer com tanto cobrador em sua porta. O velho é quem se vira para botar as coisas dentro de casa, coitado, logo ele que vive de biscates [...] O dinheiro que você manda

ninguém vê a cor. Parece um dinheiro excomungado. Tenho pena é dos meninos. Eles passam fome, Nelo. Você precisa ver a miséria que é a vida naquela casa.

[...]

Não é a terra que gira. É a minha cabeça. Como se eu estivesse caindo bêbado. Sono preocupações, insônia. E os solavancos do carro, com três pessoas dentro: ela, eu e o motorista da Prefeitura [...] Minha terra não tem palmeiras. Tem suco de mata-pasto. Sumo como se diz por aqui. Veneno da melhor qualidade. Já sentiste o cheiro de vômito da tua própria mãe? (ET, p. 148-149)

A mãe assim como Nelo tenta a sorte no jogo, nem São Paulo e nem Feira de Santana significaram melhoria de vida. Durante a viagem, em pleno delírio, pensa no jogo que não fez, enquanto Totonhim reporta-se ao irmão morto, faz uma síntese da vida de sua família, queixa-se com o morto. O dinheiro que o irmão mandava era nada em relação aos problemas da família. O pai, ainda diz Totonhim, dizia que a mudança para Feira de Santana tinha sido a sua pior desgraça. A mudança para outra cidade não trouxera transformações substanciais, a desgraça era pior. Tudo agora vem à baila. A mãe delira, Totonhim reclama, sua cabeça gira: a morte do irmão, a loucura da mãe, a vida da família é a miséria, a terra não é gloriosa, não é solo de sentir saudade, como no poema de Gonçalves Dias, a terra de Totonhim não tem palmeiras e sim erva daninha — o suco de mata-pasto. A mãe vomita sobre ele, e o vômito dela não é apenas um mal-estar físico, é sua vida, sua angústia que coloca para fora:

— Vou escrever para Nelo. Ele precisa vir aqui para me levar a um médico. Por que será que Nelo nunca vem aqui? Desta vez sou eu quem sente uma dor imensa. Na alma? Ela já o viu morto e não acreditou. Não pode matar o seu sonho dourado, deve ser isso. — Antes de você me acordar, eu tive um pesadelo horrível. Sonhei que ele tinha morrido. Foi horrível. Nelo é tão novo ainda. Deus que lhe dê muitos anos, é só isso que eu peço. (ET, p. 150)

A mãe não acredita na morte do filho, pensa ter tido um pesadelo. Totonhim é ferido na alma. Só Nelo parecia estar vivo aos olhos da mãe, a presença de Totonhim é ao mesmo tempo sua ausência, não importava que o irmão estivesse morto, a mãe não o enxergaria. Ela agora apenas via Totonhim, Nelo para ela estava vivo, então vê-lo naquele momento não representava ameaça, a consciência da realidade, da morte do filho não encontra brecha em sua loucura.

Entretanto, ela em seu delírio passa a enxergá-lo: a mãe lembra das filhas, e o momento da lembrança é um momento de desespero, ela começa a se rasgar, Totonhim segura suas mãos, teme pelo pior, ver na face da mãe a morte. A mãe então passa a contar as histórias das cinco filhas, sua narração não se dirige a Totonhim, mas a Nelo. Este é confundido com aquele, Totonhim consegue ser “enxergado”, considerado pela mãe. A sua invisibilidade abre-se para a loucura da mãe que começa a rememorar as histórias das filhas: “*Velhas histórias. Qual de nós não as conhecia, de cor e salteado? Nelo, certamente. Ela agora está pensando que eu sou ele. Tinha muitos segredos para ti, mano velho, no fundo do baú. Vês? Sentes o cheiro? Ouves? É tudo para ti, onde quer que estejas*” (ET, p. 155). Totonhim passa então a ter um momento de ligação íntima com a mãe, ela compartilha seu passado com ele, suas angústias,

seus sofrimentos são colocados para fora, e o passado dela torna-se também o seu:

O vento da noite é gelado e entra pela janela do carro. Precisamos de muito ar aqui dentro. Ela já vomitou tudo o que podia, problema agora é o cheiro. Mais rápido — agora sou eu quem pede ao motorista. Temos que chegar com ela ainda viva. Não posso ter os olhos muito abertos por causa do vento. Ele assopra os meus cabelos, me assopra para trás, me joga na sargeta do tempo. (ET, p. 161)

O vento que o joga para trás são as palavras do passado da mãe, palavras da memória que ela vomita. Totonhim vivencia uma aproximação com a mãe, mesmo sabendo que ela pensava estar com Nelo. Contudo, sua invisibilidade e a loucura da mãe foram os meios pelos quais os dois puderam ter um momento de intimidade. Momentos antes, quando a mãe se lembra das filhas, ela encosta a cabeça nos ombros de Totonhim e depois se afasta, começa então a se contorcer e a rasgar a si própria. Totonhim então ressalta que aquela “*Foi a primeira vez que encostou a cabeça no meu ombro. Somos gente bruta. Desconhecemos o afeto*” (ET, p. 152). A invisibilidade de Totonhim, entretanto, não serviu apenas para a vivência rápida de um afeto, sua invisibilidade é a re-apresentação de si mesmo diante da mãe. Ele não se passa simplesmente pelo irmão, pois é a mãe que assim o vê. Quem está diante dela é Totonhim, que se faz presente sem ser visto. Totonhim pôde então experimentar uma relação mais próxima com a mãe, ouvir as histórias dela é também ouvir as suas.

O ronco do motor do carro não é mais forte do que o ronco do meu motor. Corre, Totonhim, corre. Precisas salvar a tua mãe, porque precisas te salvar. Eis a esperança que te resta. Medicina, drogas, chá, feitiçaria, promessas, o caralho que atravessar na tua frente. Este carro rasga uma estrada que te rasga e pouco te importa se esta é a estrada que rasga o umbigo, o coração ou o cu do Brasil. (ET, p. 163)

Manter a mãe viva é manter-se vivo, os dois parecem ser um agora. A estrada que o rasga são as lembranças da mãe, a memória de uma vida em que ele está inscrito também. Perder a mãe então é perder a si mesmo, é perder sua própria história. O lugar agora não importa mais, qualquer estrada o levaria ao Junco, à mãe, às irmãs... O sofrimento, a miséria de uma vida o acompanharia onde quer que ele estivesse com a mãe, que vomita a memória.

Totonhim consegue com êxito chegar ao hospital, na verdade, um asilo onde interna a mãe. Quando retorna ao Junco, o enterro do irmão já havia sido realizado. Preocupado pergunta ao pai como ele irá fazer para pagar o tratamento da mulher, Totonhim ganhava muito pouco na prefeitura, sabia que a situação do pai ainda era pior. O pai parece não compreender a dimensão do problema, embora diga que sim, fala para o filho que “*pouco com pouco já ajuda*” (ET, p. 167), iria ver se alguma parenta poderia tomar conta da casa. Totonhim não fica satisfeito, o pai e três irmãos estavam agora desamparados, o asilo custaria dinheiro todo mês.

Foi então que comecei a me sentir perdido, desamparado, sozinho. Tudo o que me restava era um imenso absurdo. Mamãe Absurdo. Papai Absurdo. Eu Absurdo. [...] Nelo, querido, não vou chorar a tua morte. Foste em boa hora. Agora eu entendo, é bem capaz que eu já esteja
— Saiba de uma coisa, papai. Eu vou embora.

[...]

— *Mas para onde você vai?*

— *Para São Paulo.*

[...]

— *Você é igual aos outros. Não gosta daqui — falou zangado, como se estivesse dado um pulo no tempo e de repente tivesse voltado a ser o pai de outros tempos. —Ninguém gosta daqui. Ninguém tem amor a esta terra.*

Ele tinha, eu sabia, todos sabiam.

Passado o sermão, papai amansou a voz. Parecia mais conformado do que aborrecido.

— *Você faz bem — disse. — Siga o exemplo —
Abaixou as vistas, sem completar o que ia dizer.* (ET, p. 167)

A família de Totonhim e ele próprio tornaram-se um absurdo, a mãe teve um surto de loucura, o pai está desamparado e com dívidas do enterro e do asilo, a morte do irmão desencadeara a lógica do absurdo. Mas ele diz não chorar a morte do irmão, pois começava a entendê-lo. Nelo não teria vivenciado “absurdos” também? São Paulo remete ao Junco, Junco é São Paulo, em ambos os lugares a experiência da desilusão e do fracasso, as cidades são as mesmas — cidades Absurdos. São Paulo remete à mãe, Junco é o pai, ambos os pais representam as figuras da pobreza e da desolação, os dois são diferentes e ao mesmo tempo semelhantes — família Absurdo. E, desse modo, surge um Nelo Absurdo, um monumento que voltou para morrer. Como não vivenciar experiências tão fronteiriças e não se deixar abater, confundir e sofrer, a morte assim parece a lógica que faz tudo voltar ao normal.

Totonhim começa a entender o irmão, o “absurdo” é desestruturante. Ele decide então ir embora, seguir o exemplo do irmão. O pai reclama a falta de amor dos filhos pela terra, mas termina por apoiar a decisão do filho, contudo, sua pausa, seu silêncio é ambíguo: Totonhim pode ter a mesma trajetória do irmão, semelhante fim; ou, depois de ter vivido os últimos acontecimentos, fazer tudo diferente. O percurso com a mãe até o hospital foi o percurso para uma decisão. Totonhim resolve fazer o caminho do irmão, vai para São Paulo. Acaba, por fim, realizando a vontade da mãe. Seus passos, entretanto, não serão iguais aos de Nelo, a decisão não o torna igual ao irmão. Ao contrário, ir embora para São Paulo significa querer fazer a diferença: a esperança de começar tudo de novo, de realizar um fim que não seja semelhante ao do irmão.

Em *Essa Terra* tem-se a presença de referências externas: Lampião, a seca de 1932, Petrobrás, Ancar e o próprio tema da migração nordestina e seus efeitos sobre o sujeito que vive “entre-lugares” são inseridos no romance, todavia, suspensos da realidade empírica eles agora se configuram numa nova ordem representativa.

ESPAÇO / TEMPO

No romance *Essa Terra* a seca, a migração, a religiosidade na figura de Caetano Jabá nos remete a uma representação de um espaço nordestino que se faz presente em outros romances, isto é, torna visível a elaboração de uma imagem, a construção de um espaço regional.

Lançando mão de um diálogo com textos já tradicionais sobre o tema como *Os sertões*, de Euclides da Cunha, e *Morte e vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto, o texto promove uma inserção de um sujeito subalterno na literatura e elimina a distância sujeito intelectual – objeto subalterno, uma vez que institui um sujeito que fala a partir de sua condição subalterna.

Como já citado, é impossível não ler este romance nos parâmetros da tradição regionalista, embora o valor da obra em última instância venha mais do jeito como o autor conta a história do que do lugar ocupado pelo livro nos esquemas de crítica e teoria literária. Dentro da tradição regionalista, a obra situa-se num momento de transição. A década de 70 do século XX assistia ao início de uma transformação radical da realidade e do imaginário brasileiro do sertão, que iria refletir-se aos poucos em todas as dimensões da cultura criativa nacional, da música popular à literatura, ao cinema, ao teatro. Tal transformação histórica encontra-se claramente delineada em *Essa terra*, de tal modo que o livro pode ser considerado obra pioneira de uma nova fase em nossa literatura, posterior à dos clássicos modernistas.

Nessa nova fase, o tema da experiência do sertanejo que deixa o Nordeste começa a ser substituído pelo tema da experiência do sertanejo vivendo no Sudeste, principalmente São Paulo. Em *Essa terra*, dita experiência aparece pelo negativo, é presença ausente, assim como o próprio personagem Nelo no romance é presença ausente, narrada pelos olhos do irmão-mais-novo-que-ficou.

Em *Essa Terra*, as histórias brotam aos borbotões, vívidas, carregadas de sentido, ricas de conteúdo humano, imaginosas e vigorosas como uma força bruta da natureza, marcando nitidamente o contraste entre o interior - de estrutura feudal, miserável, mas de valores e feições humanamente reconhecíveis - e São Paulo, sem rosto nem forma, um falso Eldorado onde ganhar a vida significa perder o seu sentido.

Por sua fina análise, *Essa Terra* alarga as fronteiras do regionalismo para deixar a nu as complexas relações entre o Nordeste e o Sul do Brasil. Nem tese nem panfleto, o romance tece os fios retorcidos dessa intriga que confronta duas culturas.

Um tempo disperso configura o romance *Essa Terra*. Tal configuração, entretanto, não é feita aleatoriamente, ela refrata uma ordem que é a ordem das identidades fraturadas dos personagens, de suas relações com a terra.

— Se estiver vivo um dia ele aparece, foi o que eu sempre disse.
— O que foi o senhor disse?
Naquela hora eu podia fazer uma linha reta da minha cabeça até o sol e, como um macaco numa corda, subir por ela até Deus — eu, que nunca tinha precisado saber as horas. Era meio-dia e eu sabia que era meio-dia simplesmente porque ia pisando numa sombra do tamanho do meu chapéu, o único sinal de vida na velha praça de sempre, onde ninguém

metia a cabeça para não queimar o juízo (ET, p. 9). O trecho acima inicia o primeiro capítulo da primeira parte do romance — “Essa terra me chama”. O narrador personagem Totonhim volta para casa acompanhado do tio ansioso para rever o sobrinho, Nelo, que retorna após vinte anos. Ao chegar em casa, Totonhim encontra o irmão morto. O suicídio de Nelo marca o fim do primeiro capítulo. Até então e no capítulo subsequente nada de anormal acontece no desenrolar da história, contudo, ao iniciarmos a leitura do terceiro capítulo um certo estranhamento sucede: Vinte anos para frente, vinte anos para trás. E eu no meio, como dois ponteiros eternamente parados, marcando sempre a metade de alguma coisa — um velho relógio de pêndulo que há muito tempo perdeu o ritmo e o rumo das horas. Eis como me sinto e não apenas agora, agora que já sei como tudo terminou. Estou diante dele, na porta de uma hospedaria que o dono, um vindo de fora, chama de hotel. Esse homem não o conhece.

[...]

— *Você não tem necessidade de gastar dinheiro em hotel.*

— *Eu não sabia que tinha um irmão aqui — ele afasta a minha mão da mala e acrescenta: — Pode deixar. Eu mesmo levo.* (ET, p. 18-20)

Em flashback, o narrador personagem passa a narrar o seu primeiro encontro com Nelo, irmão que até então não conhecia pessoalmente. Passamos então a inferir por um momento que a história passaria a ser contada desde o seu início, quando Nelo volta à sua cidade natal. Porém, ao entrarmos no quarto capítulo ocorre outro estranhamento: “*Mais um condenado foi para o inferno, pregou o doido Alcino, na porta da igreja. Alcino ficou doido por causa de um vício, fala o povo. [...] Todos sabiam que o doido estava falando a verdade. Quem se mata é um condenado.*” (ET, p. 26). Voltando para o tempo-presente da morte de Nelo, o narrador personagem atordoa-nos com mais uma guinada no tempo. “*Não custa a crer, diria eu. Nós íamos colados um no outro, a caminho da roça. Íamos para a casa onde havíamos nascido e que há muito já não nos pertencia.*” (ET, p. 34); inicia-se assim o quinto capítulo, em outro flashback, o narrador personagem narra o momento em que ele e o irmão estão indo rever juntos a casa onde tinham nascido. Ficamos, desse modo, já nos capítulos iniciais da primeira parte do romance, suspensos pelas idas e vindas de pretéritos e presentes do tempo, que continuam nos capítulos subsequentes e nas outras partes do romance.

Em *Essa Terra* não há uma linearidade cronológica do tempo, mas um tempo disperso que desnorreia o leitor fazendo com que este acure sua atenção ao texto. Acuidade ainda mais intensificada se também levamos em consideração as diferentes nuances do narrador.

É normal pensar o tempo numa ordem cronológica: passado, presente e futuro. Pode-se encontrar, no romance *Essa Terra*, características do tempo cronológico sob facetas diferentes. É interessante notar que as idas e vindas do tempo na obra, como nos trechos acima, estruturam-se a partir de um momento axial — a morte de Nelo. Não há, entretanto, um deslocamento passado-presente/presente-futuro, uma sucessão linear semelhante ao tempo do calendário, as direções serão outras: “*Vinte anos para frente, vinte anos para trás. E eu no meio, como dois ponteiros eternamente parados, marcando sempre a metade de alguma coisa — um velho relógio de pêndulo que há muito tempo perdeu o ritmo e o rumo das horas*”. Os

dois ponteiros parados são o tempo interno ou psicológico do narrador personagem Totonhim, que se desloca em relação ao momento axial do romance. Do presente ao passado, do passado ao presente, e ainda do presente lançar um olhar para frente. O narrador está no “meio” e é o seu tempo interno que o desloca em direção ao passado ou ao próprio presente. Desse modo, podemos dizer que Totonhim passa a narrar experiências temporais diferentes: a experiência do tempo-passado da volta de Nelo — os flashbacks, e a experiência do tempo-presente da morte de Nelo. Ora, vendo-se como um “relógio de pêndulo que há muito tempo perdeu o ritmo e o rumo das horas”, e se não há um tempo cronológico a seguir, qual seria o eixo do seu tempo? O tempo interno, sabendo “como tudo terminou” — a morte do irmão, o narrador se envolve em experiências temporais que, sem ritmo e rumo certos, o levam do tempo-presente da morte de Nelo ao um tempo-passado: “*Estou diante dele, na porta de uma hospedaria que o dono, um vindo de fora, chama de hotel. Esse homem não o conhece*” (ET, p. 18); e de um tempo-passado ao tempo-presente da morte de Nelo: “*Mais um condenado foi para o inferno, pregou o doido Alcino, na porta da igreja*” (ET, p. 26).

Não é difícil compreender a razão que leva o narrador- personagem a viajar de um tempo ao outro. O tempo parece ter perdido para ele sua significância temporal, já no início do romance, no trecho que vimos acima, quando ele está levando o tio para rever Nelo, Totonhim salienta a sua despreocupação com o tempo. Ele sabia que eram doze horas por causa da sua sombra, do sol que rente a sua cabeça indicava o meio-dia, era a metade do dia. E os dois ponteiros parados sempre a marcar a metade de alguma coisa, iriam agora circular pela outra metade do dia perpassando pelas horas do presente e do passado. A preparação do velório do irmão, os pais que chegam, a viagem com a mãe doente até um hospital estarão envoltos por representações do tempo disperso.

Vinte anos para trás, a ausência do irmão é ao mesmo tempo a duração de uma espera, do retorno triunfal. Mas nada aconteceu, Totonhim sente-se parado no tempo. Vinte anos para frente, projeta-se num tempo futuro de hesitação: o que poderá acontecer? Estar na metade de alguma coisa é habitar um espaço fronteiro onde passado e presente se articulam, dialogam rasurando a linearidade do tempo. Totonhim vai do tempo-presente da morte de Nelo para o tempo-passado da volta de Nelo, para, em seguida, mover seus ponteiros para o futuro: decide ir embora. Se antes o tempo não importava para ele, agora as experiências temporais que narra faz o mecanismo do seu tempo funcionar.

Totonhim vivencia experiências temporais que articulam a própria narrativa. Não dá para afirmar que a ficção imita, reduplica o tempo do mundo, há uma apropriação que não significa, entretanto, reprodução.

As experiências temporais fragmentadas de Totonhim são também a refração de uma identidade fragmentada, da sua relação com a terra e com a mãe. Vimos, no capítulo anterior, a invisibilidade de Totonhim perante a mãe, ele representa para ela a terra, o ficar. Totonhim, por outro lado, possui um olhar crítico em relação ao Junco, é por ele inclusive que o sertão é desnudado. O lugar rasura, fragmenta sua identidade: ele é Nelo aos olhos da mãe e também a terra. Totonhim, por fim, resolve seguir os passos do irmão, estaria assim sendo Nelo?

As experiências temporais dos personagens refratam identidades fragmentadas, relações conflituosas com a terra e o modo como cada um vê a si próprio e ao outro. Nelo, por exemplo, no décimo capítulo de “Essa Terra Me Chama”, vivencia Junco e São Paulo como uma terceira cidade, está em Junco e rememora a surra que sofreu na metrópole, isto é, estamos no tempo-passado da volta de Nelo com paralela narração da violência que sofrera, e é o próprio Nelo que narra o evento. Temos nesse capítulo, portanto, duas experiências temporais: o tempo-passado da volta de Nelo e o tempo-pretérito da surra. Podemos entender essa experiência dupla do tempo, se lembrarmos que Nelo é o migrante que viveu “entre-lugares”, as experiências temporais que narra refratam uma identidade fragmentada, como também sua relação com a terra. Nelo não sabe se está em São Paulo ou em Junco, não sabe se fica ou vai embora: de Junco para São Paulo ou o inverso? Deixou para trás suas raízes natais e articulou-as com outras. Ele se tornou um baiano ou paulista? As experiências temporais de Junco e São Paulo se articulam, dialogam de forma tensa e conflituosa, elas tornam visível uma identidade que, dispersa como o tempo, faz Nelo entrar numa crise da subjetividade e, conseqüentemente, da sua própria identidade. Ora, Nelo foi embora do Junco não porque apenas desejava melhorar de vida, mas queria ser outra pessoa. Aos dezessete anos, ele havia se encantado com a fala e a maneira de se vestir dos bancários, fala e vestir que passam a ser almeçadas por ele. Nelo, de um certo modo, queria se tornar um paulista. Ele, portanto, estava sempre situado entre duas identidades: era baiano-paulista em São Paulo e paulista-baiano em Junco.

Papai tira o chapéu, se benze, e em seguida descobre a cabeça do morto. Diz:

— Sua alma, sua palma. Sua capela de pindoba.
 Depois me pergunta onde estão as tábuas e as ferramentas.
 Começa a fazer o caixão (ET, p. 63).

O trecho acima é o décimo primeiro capítulo de “Essa Terra Me Chama”. Se no capítulo anterior temos a rememoração da surra de Nelo, neste, que é o último capítulo da primeira parte, o narrador personagem Totonhim retoma a narração e então voltamos ao tempo-presente da morte de Nelo. O pai, que também era carpinteiro, começa a fazer o caixão do filho. Não era a primeira vez que ele fazia um caixão para alguém próximo: “*O último que ele fez foi para outro enforcado, um parente nosso que encontramos pendurado num galho de baraúna, em nossos próprios pastos, [...]*” (ET, p. 40). Antes do pai iniciar a feitura do caixão do próprio filho, Totonhim havia se perguntado se o pai realmente o faria. Para ele a pergunta não era irrelevante, pois o pai já havia feito um caixão para um parente. É interessante notar que o parente se enforca no próprio “pasto” da família, mesmo pasto que depois leva o pai à ruína. A terra parece engendrar conflitos, a morte: quando retorna ao Junco, Nelo entra numa crise da subjetividade e se mata; o parente se enforca nas terras do pai de Totonhim; o pai fracassa na plantação de sisal. A terra gera conflitos, é mórbida.

A construção do caixão marca o último capítulo da primeira parte do romance. O pai será na segunda parte, intitulada “Essa Terra Me Enxota”, o foco das experiências temporais.

O velho bateu a cancela sem olhar para trás.

[...]

Suas pernas não queriam ir, mas ele tinha que ir. Tinha que chegar à rua e pegar um caminhão para Feira de Santana, de uma vez para sempre. — Tudo por culpa dela — continuou pensando. — Por causa dessa mania de cidade e de botar os meninos no ginásio. Como se escola enchesse barriga. [...]

Havia acordado na hora de sempre, muito antes do sol raiar. Mas, ao contrário dos outros dias, não teve pressa em sair da cama. [...] o mesmo Deus que lhe deu doze filhos, ali em cima daquele colchão [...] Quietamente no escuro, o velho não escuta o dia que nasce lá fora. Não ouve nada.

Chama: — Nelo, Noêmia, Gesito, Tonho, Adelaide. Acordem meus filhos. Vamos rezar a ladainha. [...]

— O que está havendo nesta casa? Vamos, meninos. Acordem. Levanta-se e percorre os quartos vazios, sem camas, sem nada. (ET, p. 67-71)

Na segunda parte do romance, não há uma lembrança do tempo-passado da volta de Nelo. Observemos que, no trecho acima, a narração se volta à época em que o pai de Nelo, sozinho em Junco, resolve ir para Feira de Santana onde a mulher e os filhos já estavam. Com a mudança de tempo ocorre paralelamente a do narrador (analisaremos as diferentes nuances do narrador no próximo tópico), não é mais Totonhim que narra a história, pois o narrador se tornou onisciente³. O narrador muda e com ele o tempo. O pai também passa a deslocar o tempo e é o seu tempo interno que o leva ao passado: chama pelos meninos, não há mais ninguém em casa, está sozinho. O pai, portanto, vivencia experiências temporais:

— Toda a derrota do mundo começou quando as mulheres encurtaram as mangas e as saias para mostrar suas carnes. A desgraça do mundo é o pecado — é o que pensa agora, seguindo pela estrada, lentamente sem ânimo, sem vontade, pensando nas suas filhas perdidas pelas cidades, longe dele; pensando que não pode olhar para um lado nem para o outro. Para um lado, verá a casa abandonada de seus pais, sentirá saudade. Já morreram, estão descansando no céu, no purgatório ou no inferno.

Para o outro lado, dará com a cara do seu irmão, o que ficou com as terras de seu pai e com a sua própria.

— O dinheiro que você recebeu foi só para não dizer que deu a terra de graça — disse-lhe a mulher. — Homem, tu é o maior besta que já houve no mundo. Foi no dia em que chegou a Feira de Santana com a notícia: os homens do banco estavam apertando, iam tomar-lhe tudo. Entre o banco e o irmão, preferiu vender a propriedade ao irmão. (ET, p.76)

Na segunda parte do romance, portanto, teremos as idas e vindas do passado do pai. Ao deixar Junco para ir para Feira de Santana, o pretérito faz companhia na sua caminhada. Ele culpa a mulher pela dispersão dos filhos, lembra o dia em que perdeu suas terras, a mulher o humilha... Filhos, mulher, a terra envolvem seus pensamentos. O pai vivencia experiências temporais que se articulam em diferentes passados de sua história: a venda de suas terras; uma viagem que fizera com a mulher para pagar uma promessa a Nossa Senhora das Candeias; a conversa com um tio de sua esposa, que revelava ter encontrado Nelo em São Paulo, em uma de suas viagens, etc.; em suma, histórias passadas se articulam, dialogam no próprio pretérito

da saída do pai de Junco.

É importante notar que o último capítulo da primeira parte — “Essa Terra Me Chama”, termina justamente com o pai fazendo o caixão do filho. Ora, o tempo-presente da morte de Nelo articula-se com a parte seguinte: construir o caixão do filho é rememorar a própria história, o início da construção do caixão é a volta, em “Essa Terra Me Enxota”, ao passado onde tudo começou, a memória do pai é também a trajetória de Nelo. Uma experiência temporal acaba por engendrar uma outra. Percebemos assim que, na segunda parte do romance, a estrutura da narrativa orbita em torno do tempo disperso.

As experiências temporais que o pai vivencia também estão relacionadas à sua relação com a terra, com a mulher. O pai, como vimos anteriormente, representa o fincar raízes, ele é a imagem da territorialidade, ele é a terra. Vimos, entretanto, que num determinado momento ele pensa em ir embora do Junco. Há um momento de desapego com a terra, ou melhor, de crise da subjetividade. Por um instante, suas raízes soltam-se do solo da sua terra natal para almejar outros campos. Todavia, o pai não consegue ultrapassar os limites do estado baiano, vai para Feira de Santana. A mulher para ele era a culpada pela dispersão dos filhos e pela sua ruína. Ela representa a desterritorialidade, ele é o fincar raízes. Não há, porém, como fixá-las mais. Ele havia vendido suas terras, sua mulher e filhos tinham ido embora. A terra o enxota, a mulher o enxota, a segunda parte intitulada “Essa Terra Me Enxota”, poderia também ser lida como essa mulher me enxota. As experiências temporais, portanto, que o pai vivencia, na segunda parte do romance, é a trajetória de uma relação íntima e tensa com a terra e a mulher.

— *Quem sou eu?*

Faça essa pergunta a ele e não a mim. Eu sei quem a senhora é não tenho dúvidas. Posso reconhecê-la mesmo no escuro desta sala, onde nos encontramos e nos avistamos, onde podemos confrontar os contornos de nossos vultos, muito mal definidos pela parca luz que vem do corredor. Esta sala um dia já se chamou “sala de visita”, lembra? Oh, se lembra. Agora a senhora é a única visita, mas não conta. Não veio aqui por sua livre vontade, eu sei. Todos nós temos uma hora como esta. (ET, p. 105)

O trecho acima é do primeiro capítulo da terceira parte do romance intitulada “Essa Terra Me Enlouquece”. Volta-se ao tempo-presente da morte de Nelo. Ao ver o filho morto, a mãe passa por um surto de loucura. O narrador-personagem Totonhim reaparece retomando a narração. A “visita” da mãe é início de experiências temporais envoltas pela loucura:

Nelo meu filho mandou me dizer: —

Ela se bate contra a parede. Nunca pensei que ainda tivesse tanta força. É a lua. Lua cheia. A parede estremece. Daqui a pouco a cada desaba. Daqui a pouco estarei soterrado, debaixo das telhas. Posso fazer alguma coisa?

— *Ela. Ela. Ela.*

— *Quem papai? De quem o senhor está falando?*

— Ela. A dona. A mãe de vocês.

— O que foi que ela fez, papai?

— Quebrou a garrafa que guardei no quarto. Era dos trabalhadores. Vou ter de pagar mais uma derrota.

[...]

Nelo meu filho mandou me dizer:

Já não estava mais batendo na parede. Agora ela está arriada no chão. Parece mais conformada.

Daqui a Inhambupe são sete léguas São Paulo tem trinta léguas de ruas nunca me perdi em nenhuma Nelo meu filho recebi carta dele ontem — Levei Nelo meu filho a Inhambupe para pagar uma promessa fomos no carro de bois de papai Nelo meu filho foi passear pelas ruas e se perdeu achei ele junto da bomba de gasolina do Hotel Rex dei uma surra nele três vezes sete vinte e um São Paulo tem mais de três vez daqui a Inhambupe Nelo meu filho nunca se perdeu — Nelo meu filho me manda dinheiro faz vinte anos ele me sustenta nunca tive tanta vergonha e tanto medo como naquele dia de Inhambupe Nelo meu filho mandou me dizer — (ET, p. 124-130).

O trecho acima faz parte do quinto capítulo da terceira parte, a mãe não suporta a visão do filho morto. Mais uma vez eventos passados tornam-se visíveis no tempo-presente da morte de Nelo. O narrador-personagem Totonhim nos envolve em memórias envoltas pela loucura, e era lua cheia. A loucura estava já na noite. A mãe se debate, a memória de uma briga entre ela e o pai, por causa de uma garrafa quebrada, volta à cena. E o evento é lembrado. As experiências temporais novamente se articulam, dialogam, e é pela loucura que o pretérito retorna. Sem vírgula, sem pausa, as palavras da mãe, sua evocação por Nelo foge da realidade concreta. A perda do filho se concretiza, ela havia encontrado ele em Inhambupe, mas em São Paulo Nelo se perdeu de outra forma. A carta recebida é a fuga da realidade, Nelo estava vivo: “Nelo mandou me dizer—”, o travessão chama por palavras que não podem ser mais ditas, o filho estava morto. As palavras da mãe se confundem com o passado e o silêncio após o travessão com o presente.

Na última parte do romance — “Essa Terra Me Ama”, quando Totonhim está levando a mãe para um hospital, também observamos como as experiências temporais da mãe estão marcadas por voltas ao passado, pinceladas pelo surto de loucura. As lembranças das filhas retornam naquela viagem. A mãe confunde Totonhim com Nelo e, então, traz à baila o passado das irmãs:

— *Nelo, meu filho, eu tenho as marcas. Você nunca soube porque eu nunca deixei que você soubesse — o tiro resvalado na batata da perna arrancou-lhe um pedaço da carne. Não estava inventando. Ainda tem a cicatriz.*

[...]

— *Adelaide estava na cama, de resguardo. Tinha tido menino um dia antes. Estava me mostrando o corte na barriga. Chorava. Foi o marido quem tinha feito aquilo. Ciúmes. Ciúmes do médico que fez o parto, veja você. Eu estava horrorizada, quando ele entrou, atirando. Uma bala pegou na minha perna. As outras foram descarregadas na barriga da sua irmã.* (ET, p. 153)

Viu-se, no capítulo anterior, que no trajeto até o hospital em Alagoinhas, a mãe “vomita” sua memória, as histórias das filhas são as de Totonhim também. As experiências temporais que a mãe vivencia estão relacionadas com a terra e com a sua própria identidade. A mãe representa a desterritorialidade, ela é fragmentação. A sua “mania” por cidade, como salienta o pai, faz a família se dispersar. Ambiguamente ela é também a terra. Ora, se Junco, por causa de sua pobreza, faz seus filhos irem embora, do mesmo modo age a mãe de Totonhim. Terra e mãe simbioticamente se confundem.

Observamos, portanto, que as experiências temporais dos personagens estruturam o romance. Os capítulos, as partes da narrativa são compostas por tempos dispersos. Há idas e vindas do pretérito e do presente. O romance não segue uma ordem cronológica do tempo. Demonstramos também que as experiências temporais, por sua vez, refratam a identidade fragmentada e o modo como os personagens se relacionam com a terra e a mãe.

Paul Ricoeur ressalta que a “configuração de uma narrativa se encerra numa refiguração da experiência temporal”, diríamos que, na verdade, há uma produção de uma nova ordem representativa do tempo no romance. No caso de *Essa Terra*, o tempo disperso torna peculiar a estrutura da obra. O que nos devolve a questão do fator social como fator estético. Há, de fato, na estruturação do romance uma formalização estética do social.

NARRAÇÃO

Essa terra é o primeiro romance que apresenta um narrador migrante nordestino em primeira pessoa propriamente dita. É com a narração de Totonhim que a primeira parte do romance — “*Essa Terra Me Chama*”, é aberta. Ele está em companhia do tio, ambos estão indo ver Nelo. O encontro do tio com o sobrinho, já sabemos, é marcado pelo suicídio de Nelo. Totonhim, porém, não é o único a narrar a história. No décimo capítulo da primeira parte, é o próprio Nelo que passa a narrar a surra que sofre em São Paulo: “Eles me agarraram pelas orelhas e pelo pescoço e bateram a minha cabeça no meio-fio da calçada. Berrei” (ET, p. 55). Momentos antes, vimos que na segunda parte do romance — “*Essa Terra Me Enxota*”, o narrador tornara-se onisciente:

Dizem que na hora da morte, o homem vê claramente, diante dos seus olhos, toda a vida que ele teve, desde o nascimento. Era nisso que o velho estava pensando.

Porque se lembrava de tudo, como se estivesse acontecendo agora. As coisas pareciam ter um novo significado quando ele se dirigiu à roça de mandioca, para pegar as manaíbas. (ET, p. 82)

Como o narrador poderia saber o que o personagem estava pensando? É evidente que na segunda parte do romance o narrador onisciente se faz presente. Ele está distante da narrativa, não participa dela, diferentemente de Totonhim que sendo um narrador personagem não pode ter acesso ao estado mental dos personagens.

Na terceira parte — “Essa Terra Me Enlouquece”, no primeiro capítulo, o narrador personagem Totonhim retoma a narração. É o momento em que a mãe, ao ver o filho morto, passa por um surto de loucura e então começa a enforcar Totonhim: “*Era como se fosse a hora da minha morte. E naquela hora eu nem me lembrei que tinha apenas vinte anos e ainda podia viver muito*” (ET, p. 107). No terceiro capítulo da mesma parte, entretanto, ocorre mais uma mudança:

[...]

— *Nesta terra os vivos não dormem e os mortos não descansam em paz — assim falava Alcino, na noite quieta.*

[...]

Da calçada da igreja ele corre para a porta da venda. Pára e grita. Da venda corre para as ruas dos fundos. O sino badala e ele corre, corre, corre. Sempre a galope, como se fosse um cavalo. E foi correndo e uivando que acabou se encontrando com quem nunca mais esperava se encontrar nesta vida. Pediu pernas para fugir, não teve pernas. E quando ia ao chão, desacordado, foi agarrado, sacudido, enquanto uma voz tentava reanimá-lo: — Não tenha medo homem. Um morto não faz mal a ninguém.

[...]

— *Você veio cobrar uma diferença que existe entre nós dois — disse Alcino, pensando: — O condenado ainda não foi para o inferno. — Ora, Alcino velho — a voz do outro agora era compreensiva, paternal — como você sabe, nós somos irmãos. E entre irmãos não existe diferenças. Digo: existem, sim. Mas são passageiras.* (ET, p. 110-113)

Há, nesse trecho, o relato do encontro do doido Alcino com o morto Nelo. Como poderia o narrador personagem Totonhim saber do fato? Ou como ele poderia saber o que os dois conversaram? É claro que mais uma vez o narrador tornara-se onisciente.

— *Vamos passear — uma resposta pode conter uma verdade inteira, parte dela, ou não querer dizer absolutamente nada.*

[...]

— *Por que você não arranjou um cavalo esquipador? Esse é duro de sela como o diabo. Vou chegar toda assada. Já estou ficando tonta. Ela vomita nas minhas pernas. Tonta. Costumava ter esse enjôo de ano em ano, um pouco antes de ficar com a barriga inchada. Filhos. Um por ano. Cada filho era um horror. Papai dizia: — Mulher entojada. Seria por isso? Abaixo o vidro e boto o seu rosto para fora. O*

vento sopra fiapos do seu vômito na minha roupa, na minha cara, em tudo. As árvores estão passando depressa, como manchas prateadas. Tomara que tudo passe depressa. (ET, p. 147-148)

No trecho acima, da quarta parte do romance — “Essa Terra Me Ama”, o narrador personagem Totonhim retoma a voz narrativa. Ele passa a narrar a viagem que faz ao lado da mãe que, sofrendo um surto de loucura, precisava ser imediatamente levada a um hospital na cidade vizinha de Alagoinhas.

Ora, no romance *Essa Terra* há diferentes nuances do narrador: Totonhim narra, Nelo toma voz no décimo capítulo da primeira parte, o narrador onisciente está presente na terceira parte do romance e em alguns capítulos de outras partes. Há, portanto, também diferentes narradores que se articulam com as experiências temporais dos personagens. Vejamos: o romance inicia com o narrador personagem Totonhim indo com o tio ao encontro de Nelo:

[...] apressei e bati na porta e bastou uma única batida para que ela abrisse — e para que eu fosse o primeiro a ver o pescoço do meu irmão na corda, no armador da rede. — Deixa disso, Nelo — bati com a mão aberta no lado esquerdo do seu rosto e devo ter batido com alguma força, porque sua cabeça virou e caiu para a direita. (ET, p., 12)

O encontro acontece de forma trágica. Temos então a configuração do tempo-presente da morte de Nelo. Este é o momento axial do romance e ao qual os outros acontecimentos estarão articulados. No décimo capítulo, ainda da primeira parte, vimos que é Nelo quem narra a própria violência que sofrera em São Paulo. Estamos no tempo-passado da volta de Nelo. Pois, no capítulo anterior do presente trabalho, demonstramos que no relato da surra ele se refere a Totonhim, irmão que não conhecia até voltar ao lugar onde nasceu. O que nos indica que sua narração se passa em Junco. Duas experiências temporais então se cruzam: o tempo-passado de sua volta e o tempo-pretérito da surra. Ora, vimos que Nelo vivencia São Paulo e Junco de forma simbiótica, sua narração, desse modo, é carregada também de dois tempos que se articulam, dialogam. A mudança de narrador não acontece aleatoriamente.

A segunda parte — “Essa Terra Me Enxota”, o narrador onisciente torna visível as experiências temporais do pai que o narrador personagem Totonhim não poderia ressaltar:

[...] desce até o riacho. Tira a roupa. O corpo nu se reflete na água limpa, esverdeada, à sombra do capim-angolinha, capim de beira de rio. Agacha-se e toca na água, para ver se ela está muito fria.

[...] Debaixo d’água se lembra de quando ensinou o filho mais velho a nadar. Pegou um tronco de mulungu e disse: — Segure aqui com as duas mãos. (ET, p. 71-72)

Antes de ir embora da roça, o pai toma um banho de rio. Para narrar tal fato, Totonhim teria que estar presente e ainda adivinhar o pensamento do pai. A mudança de narrador, portanto, possibilita a visualização, no caso do pai, de experiências temporais passadas. As experiências temporais refratam, dissemos, as identidades e as relações dos personagens, a mudança de narrador segue a mesma lógica. Não há como separar narração das experiências temporais, estas são contadas a partir da primeira. Se aqui fizemos uma divisão, foi numa tentativa de

tornar a argumentação mais clara. Desse modo, as diferentes nuances do narrador estruturam também o romance tornando-o mais uma vez peculiar.

Se pensarmos em Totonhim, veremos que sua narração não se divorcia das experiências temporais que vivencia. Para citar alguns exemplos, sua narração vai do tempo-presente da morte de Nelo, no sétimo capítulo da primeira parte, quando narra a chegada dos pais: “*Eles chegaram com as luzes acesas, o que significa que ainda não eram dez horas. [...] O filho era deles. Que chegassem logo e cuidassem do enterro [...]*” (ET, p. 39); ao tempo-passado da volta de Nelo, no terceiro capítulo da mesma parte, quando Nelo está na casa que era do avô: “*Primeiro Neto, primeiro filho — talvez seja nisso que pense, ao fazer uma vistoria completa da casa, quarto a quarto, sala a sala*” (ET, p. 21).

Ora, se a narração não se separa das experiências temporais, então, do mesmo modo, as diferentes nuances do narrador estão relacionadas ao ciclo que falamos no tópico anterior: as experiências temporais vivenciadas pelos personagens estão relacionadas às suas identidades fragmentadas e ao tipo de relação que estabelecem com a terra e entre eles. As identidades e as relações, por outro lado, refratam o modo como a migração, a relação entre o local/global etc., são vivenciados.

A formalização estética do fator social pode ser então entendida pela fragmentação na/da obra. Fragmentação na estrutura do romance porque o tempo disperso, a sequência não linear do tempo no romance, as idas e vindas do tempo demonstram que as experiências temporais vivenciadas pelos personagens refratam e refletem suas identidades fragmentadas e o tipo de relação que estabelecem com a terra e entre eles. Da mesma forma, as diferentes nuances do narrador (narrador em primeira pessoa, narrador onisciente) deixam evidente que a narração está relacionada com as experiências temporais dos personagens. Assim, não há como separar narração das experiências temporais.

RESUMO

PARTE 1 - ESSA TERRA ME AMA

A história tem seu início com o relato memorialístico feito por Totonhim, o narrador da história, acerca do retorno do irmão Nelo a seu lugar de origem, Junco, uma pequena cidade localizada no interior da Bahia. Fazia vinte anos que o irmão fugira de casa; pegara um caminhão e sumira pelo mundo, fora para São Paulo, em busca de melhores condições de vida.

A condição da família era de extrema pobreza, principalmente quando se mudaram para Feira de Santana, em busca de estudos para os filhos. O pai sempre foi contra, mesmo depois de vinte anos; por ele, ficariam na roça, pois esse negócio de colégio era “besteira”.

A princípio, Nelo mandava dinheiro para a mãe (só para a mãe), mas, com o tempo, parece ter esquecido do assunto. Por morar em São Paulo, toda a família acreditava que Nelo estava rico. Mero engano.

O encontro dos dois irmãos é relatado: Totonhim vai pegá-lo numa hospedaria e o irmão lhe diz um seco “muito prazer”. Muito prazer – seria o resumo de tudo? Apenas duas palavras para matar vinte anos de saudade? Nelo vai, enfim, para a humilde casa do irmão e quer saber como vai o pai.

- Vendeu a roça, a casa da roça e a casa da rua, pagou as dívidas, torrou o troco na cachaça, depois se mudou para Feira de Santana.

A mãe foi antes, para nos botar no ginásio. O velho ficou aqui, zanzando, desgostoso, se maldizendo de tudo. Um dia não aguentou mais e sumiu na estrada, em cima de um caminhão, aboiando.

Dos irmãos, três estão em Feira. Os pequenos. Os outros estão espalhados. Você vai ter que viajar muito, se quiser catar um a um.

Nelo nunca mais havia mandado dinheiro para a mãe e queria saber se os outros irmãos também não o davam. Os outros mal conseguem o que comer e eu mesmo fiz uma cruz na parede e jurei por ela que nunca mais daria um tostão naquela casa de loucos, ainda que estivesse com o rabo cheio de dinheiro. Podiam todos morrer à míngua, diante dos meus olhos, que eu nem sequer iria me preocupar em enterrá-los. Os outros pensam do mesmo jeito, tenho certeza.

A mãe, vivia em suas constantes reclamações: - Tenho doze filhos e me sinto tão sozinha. Se não fosse por Nelo. Não vou passar sua roupa. Não sou sua empregada. Os incomodados que se retirem.

Eis por que me retirei. Totonhim saíra de Santana e voltara para a roça, para morar com o avô.

Um dia Nelo se embebedou. Enquanto o irmão o carregava, Nelo pediu para que o levasse na casa de sua mulher. Totonhim não sabia onde era, nem mesmo que ele era casado. O irmão lhe disse que possuía dois filhos e contou-lhe sua trágica história. Um dia, já abandonado pela mulher e filhos, pensou ver sua ex-esposa num ponto de ônibus. Correu desesperadamente para vê-la e aos filhos; nesse momento, a polícia o confundiu com um ladrão e passou a correr atrás dele. Sem perceber o incidente, Nelo corria cada vez mais. Porém, quando chegou perto, o ônibus passara e a mulher se fora. Ao parar, virou presa fácil para a polícia. Imediatamente identificou Zé do Pistom, o primo que havia roubado sua mulher. O policial o acusou de tentativa de sequestro de seus próprios filhos e mandou que o espancassem. Os policiais bateram tanto que o rapaz chegou a ficar inconsciente; a pancadaria era seguidas de constante urina sobre o corpo.

Dias depois, Totonhim foi chamar Nelo para ir tomar banho no rio e encontrou-o enforcado, pendurado numa corda, no armador da rede.

Mais um condenado foi para o inferno, pregou o doido Alcino, na porta da igreja. Alcino era um homem que diziam ter endoidado depois que sua mulher o abandonara no dia da lua-de-mel. Ela fugira porque se assustara com o tamanho de seu pênis (os mais maldosos diziam que ele era filho de jumento, isso porque só transava com jumentas). Mas, desta vez, todos sabiam que o doido estava falando a verdade. Quem se mata é um condenado.

A preocupação de Totonhim, agora, era com seus pais. O que diria a eles? Como explicar que Nelo não lhes fora visitar, se o ônibus de São Paulo parava primeiro em Feira de Santana?

Seu Zé da Botica o enchia de chás calmantes. Ele pensava no caixão. Será que o pai, carpinteiro que era, faria o caixão para o filho? O último que ele fez foi para outro enforcado, um parente nosso que encontramos pendurado num galho de baraúna.

Enquanto isso, o sargento demorava a liberar o corpo do irmão. Totonhim já estava nervoso e falava com o defunto: - Você veio aqui só para fazer isso comigo? Você tinha o Brasil inteiro para fazer isso e veio escolher logo esta sala? Acorda, filho de uma égua. Avançou sobre o morto e iria bater nele, se não fosse o Zé da Botica. Começou a chorar.

Quando os dois homens retornaram à sala, um deles me pediu uma receita médica que Nelo carregava sempre no bolso. Respondi-lhe que eu nem sequer sabia que ele andava com uma receita médica no bolso. - Mas eu sei - disse o farmacêutico.

Nelo havia ido até a [farmácia](#) comprar remédios - os remédios eram para sífilis e esquistossomose.

O irmão vai para a venda e lá fica sabendo que um dia, Pedro e Nelo espancaram um homossexual na rua, por puro preconceito e Pedro pôs a culpa no amigo. Nelo levou duas surras: uma do pai e outra da mãe. Ficaram de mal e, agora, Pedro sentia um peso na consciência. O episódio ficou conhecido como "a noite do veado".

Também o sargento não gostava de Nelo porque um dia, sua mulher o elogiara; achara Nelo bonito. Eu sei que ele queria matar o meu irmão. Depois que soube de sua morte, o sargento ficou triste, desanimado. Não pense mais nisso sargento. Você perdeu apenas a chance de matar um homem, que já chegou aqui morto, como se verá.

O pai chega até a casa, tira o chapéu, se benze, depois me pergunta onde estão as tábuas e as ferramentas. Começa a fazer o caixão.

PARTE 2 - ESSA TERRA ME ENXOTA

O velho bateu a cancela, sem olhar para trás.

Mas não pôde evitar o baque, o último baque: aquele estremeçamento que fez suas pernas bambearem, como se não quisessem ir. Pensou: - Malditas são as mulheres. Elas só pensam nas vaidades do mundo. Só prestam para pecar e arruinar os homens. Tudo por culpa dela. Por causa dessa mania de cidade e de botar os meninos no ginásio. Como se escola enchesse barriga.

O filho desapareceu no mundo, contra a sua vontade, para nunca mais voltar. De nada adiantaram os pedidos para que ficasse. Foi e, agora, nem mais escrevia para a família. No começo, mandava dinheiro para a mãe (só para a mãe!) e, agora, nunca mais o havia feito. Ele tinha vontade de ir para São Paulo ou Paraná, terras boas, onde certamente encontraria uma roça para tomar conta, como se fosse o dono.

O pai mostra-se uma pessoa amargurada. Sente falta da mulher (embora não admita), dos filhos; sente-se sozinho e abandonado. Acorda, olha para aquele colchão onde Deus lhe dera os doze filhos, olha para o quintal onde doze umbigos foram enterrados. Chama por todos: - Nelo, Noêmia, Gesito, Tonho, Adelaide. – mas não há ninguém. Sente-se relaxado, a barba por fazer; vai tomar banho no rio. Lembra-se dos filhos, de como ensinara Nelo a nadar; da filha que fugiu com um negro (eta filha desnaturada. Deus fez os brancos para os brancos, os pretos para os pretos. Branco com preto não assentava. Ainda bem que os netos tinham cabelos bons.). Lembrou-se da mulher, das surras que ela dava nos filhos – era uma mulher sem piedade: batia nos filhos até esfolar o couro. Não aprovava judiação de espécie alguma.

Apesar de seus 60 anos, sentia-se forte para exercer sua profissão de “mestre carpina”. Vinha da raça dos vaqueiros e não temia serra-goela, do mesmo modo que João da Cruz, o pai do lugar – seu ancestral.

Lembrou-se furiosamente de sua lua-de-mel, quando ainda, ambos virgens, juntaram-se. Ele, meio sem jeito, cumpriu seu papel de marido; mas, a mulher, esta parecia já saber o que fazer. As mulheres já nascem putas. Elas têm que ser trazidas de rédea curta. Nesse dia descobriu um novo sentimento em sua vida, qualquer coisa parecida com o que se chama de ciúme.

Caminhando pelo lugar, o pai se lembra, ainda, do irmão, o irmão que ficou com as terras de seu pai e com a sua própria terra. Foi no dia em que chegou a Feira de Santana com a notícia: os homens do banco estavam apertando, iam tomar-lhe tudo. Entre o banco e o irmão, preferiu vender a propriedade ao irmão. Assim, pagaria a dívida do banco e ainda ficaria com um dinheirinho para abrir um pequeno negócio em Feira de Santana. Mas, o irmão o logrou: deu-lhe uma quantia irrisória pelas terras. Agora, estava sem nada nem ninguém.

O pai se recorda também de um homem que passara certa vez em Feira de Santana e lhe disse que vira Nelo, em São Paulo. Radiante, o pai queria saber notícias do filho, mas o rapaz tinha pouca informação; daquilo que sabia, o pai deduziu que Nelo estava muito bem, talvez até rico. Pensara naquele viajante que por ali estivera e dizia ter ido até o sul do mundo, no Paraguai. O pai começou a desconfiar dele, pois era crente. Esse negócio de crente não é da lei de Deus. Para mim, crente e comunista é tudo a mesma coisa.

Ao falar em crente, ele lembra-se de tio Ascendino, um crente que odiava os udenistas. O pai voltou a chamar pelos filhos, mas ninguém respondeu. O único a chegar foi o cachorro. Eis quem acabou se revelando o melhor dos meus filhos.

Decidido, então, a deixar aquele lugar, o pai vai até a casa de seu compadre Artur para que partissem. Iria na carroceria do caminhão. Ao passar pela igreja, lembra-se de que naquele lugar batizara os seus filhos e muitos dos outros e, com orgulho, pensa que foi um Cruz, seu parente, o primeiro a fincar a primeira casa, a fazer a capela e o cruzeiro. Seguiram viagem e ele levou o cachorro, seu fiel companheiro, consigo.

PARTE 3 - ESSA TERRA ME ENLOUQUECE

Esta terceira parte do livro, começa com uma interrogação feita pelo narrador: Quem sou eu?

Ao mesmo tempo, parece conversar com a mãe, refletindo que ela havia para ali voltado, não por vontade própria, mas por necessidade, por causa da morte do filho. Enquanto estavam na sala, o pai fazia, na cozinha, o caixão para Nelo. O filho narrador, em suas reflexões, sente vontade de abraçar a mãe. Só não o fez porque não pude. Ela estava apertando o meu pescoço com toda a força que ainda restava em suas duas calejadas e ásperas mãos. Eu queria falar, mas não conseguia. Era como se fosse a hora da minha morte. E naquela hora eu nem me lembrei que tinha apenas vinte anos e ainda podia viver muito. Nunca nos amamos, eis tudo.

Conheço este rosto.

Já o vi louco antes. Esta não é a primeira vez.

Reconheço estas mãos.

Me empurraram porta afora, quando o velho vendeu a roça e eu pedi uma indenização. (Aquilo tudo era nosso, eu disse. E “nós” significa “eu também”. Não me deram nada e eu disse: - Um dia volto aqui e mato todos vocês. Fui excomungado, para todo o sempre. Não voltei mais lá e não matei ninguém. Mas continuo excomungado.)

Enquanto a mãe tentava estrangular o filho, Nelo continuava ali no chão, bem ao seu lado. Depois de soltá-lo, ele teve de levar a mãe para o hospital, que não era perto (aqui fica implícito que tipo de hospital era este, provavelmente, um hospício).

Antes, porém, ouçamos um doido velho, doido varrido, doido de pedra, do que quiserem.

- Nesta terra os vivos não dormem e os mortos não descansam em paz – assim falava Alcino.

– Enforcado não entra na igreja. Mais um condenado foi para o inferno.

O dia inteiro o louco ficou gritando essas coisas.

De repente, a narrativa é interrompida por uma cauro que acontecera (ou que o louco imaginara que acontecera) com Alcino. O morto começa a conversar com ele; apavorado, Alcino diz que não quer morrer, mas Nelo o tranquiliza e o chama de “irmão”; este pensa que o condenado ainda não fora para o inferno. Nelo vem para lhe dizer que, no quintal do sargento havia um tesouro escondido; Alcino deveria chamar a beata Teodora para que esta fizesse a reza, enquanto ele cavava. Mas, egoísta que era, Alcino foi sozinho, pois queria todo o dinheiro para si. Assim que achou o tesouro, chegaram os cangaceiros e o roubaram. Se a beata estivesse lá, rezando, eles não teriam vindo. No dia seguinte, pela manhã, Alcino voltou ao lugar: o buraco que ele cavou havia desaparecido, como se ninguém nunca tivesse mexido naquele terreno.

Sentaram-se ao pé do muro. Queriam algo que os encorajasse a ir até o quintal do sargento. O morto sugeriu que fossem a um puteiro “tomar uma”. Mas, no local não havia um puteiro, então, pensaram em abrir um. Mas, Alcino só possuía experiências sexuais com “jumentas”. Então, a solução era ir até a venda; mas ninguém venderia cachaça fiado a um louco, muito menos a um morto. Pensaram em dizer que quem havia pedido a cachaça era o pai de Nelo; a mentira, porém, não deu certo e Alcino voltou de mãos vazias.

- Irmão, irmão, eles não acreditaram em mim. Raça de filhos da puta. Irmão, irmão, irmão...

Não havia mais irmão, não havia mais nada. Também não havia nem sombra de gente dentro do quintal. – Irmão, irmão. Desceu do muro e continuou correndo e gritando. Dobrou o beco, voou sobre a rampa que dava na praça, atingiu a calçada da igreja. Agora ele ia fazer o sermão mais bonito da sua vida.

O narrador começa a lembrar do avô, que morava com ele, e seus costumes antigos. Depois, pensa no pai: - Não ande com a cabeça no tempo. Bote o chapéu. Quem anda com a cabeça no tempo perde o juízo.

A narrativa sofre outro corte, e o foco é a mãe, seu sofrimento, sua dor, suas brigas com o pai (brigas que acabavam sempre em pancadaria) e a sua esperança depositada em Nelo, para ela, o único filho que poderia ajudá-la. Veja Nelo meu filho se é vida que se apresente uma mulher viver apanhando do marido venha me buscar. A mulher cada vez mais dava sinais de loucura: escrevera para o filho e dissera que o pai tomara veneno (na realidade, quem tomara veneno fora o irmão do pai, mas ela acreditava que fora o marido).

Nelo meu filho o fim destas mal traçadas linhas é dar-te as minhas notícias e ao mesmo tempo saber das tuas Como tens passado? Bem não é? Aqui todos em paz graças a Deus Seu pai bebeu veneno Nelo meu filho essa é que foi a maior tristeza da minha vida. Tenha dó da sua

mãe Eu nunca lhe pedi isso é a primeira vez venha me buscar Você é a única pessoa neste mundo Faça isso por sua velha e pobre mãe Eu lhe peço.

Enquanto isso, o pai fazia o caixão e pigarreava na cozinha. Papai tosse. Trabalha e tosse. Está fumando demais. Fuma e bebe demais.

O filho narrador vai buscar o pano preto (e isso lhe causa horror), enquanto os parentes reclamam que o morto não possui uma mortalha. Mas, e a mãe? Minha mãe, ora minha mãe, esqueçam-na. Queriam saber o que Nelo trouxera na mala. Nada. Estava vazia.

O caixão estava pronto.

PARTE 4 - ESSA TERRA ME AMA

O filho narrador consegue, com o prefeito, um carro para ir levar a mãe ao hospital.

- Vamos passear.

- Estamos passeando? Onde estamos passeando?

Qualquer resposta será uma mentira. Promete que vai dormir a viagem inteira, promete? Assim chegaremos logo. Se quiser, reze um pouco, para chamar o sono. Ela vomita sobre as minhas pernas. Abaixo o vidro e boto o seu rosto para fora. O vento sopra fiapos do seu vômito na minha roupa, na minha cara, em tudo. O narrador lembra que a mãe é viciada em jogo de bicho. Todo o dinheiro que Nelo lhe mandava, ela apostava. Enquanto isso, os cobradores batiam em sua porta e os filhos passavam fome. Papai se queixa da sorte. Diz que a mudança para Feira de Santana foi a pior desgraça da sua vida. Minha terra não tem palmeiras. Tem suco de mata-pasto. Veneno da melhor qualidade.

Enquanto levava a mãe para o hospital, observava-a: ela estava ficando cega, já não mais conseguia pôr a linha na agulha. Reclamava de suas filhas, que nunca a ajudaram.

- Vou escrever para o Nelo. Ele precisa vir aqui para me levar a um médico. Por que será que Nelo nunca vem aqui?

Desta vez sou eu quem sente uma dor imensa. Na alma? Ela viu o morto e não acreditou.

- Antes de você me acordar, eu tive um pesadelo horrível. Sonhei que ele tinha morrido. Foi horrível. Nelo é tão novo ainda. Deus que lhe dê muitos anos, é só isso o que eu peço.

O motorista da prefeitura dirigia cada vez mais rápido. A mãe não conseguia identificar onde estava. O filho narrador se lembra de que a mãe um dia lhe dissera que queria ter nascido homem para poder mandar em seu próprio destino. Ir para onde bem entendesse, sem ter que

dar satisfações a ninguém. “Filha. Não me fale em filhas. Eu queria tanto só ter tido filho homem.”

A mãe, pensando se tratar de Nelo, começa a revelar ao filho narrador o triste destino de suas filhas: Cinco filhas, cinco mulheres, cinco vezes azarada. Adelaide casara-se com um negro e apanhava todos os dias, fora encontrada pela mãe em um puteiro. Após o casamento, engravidara e tivera um filho. O marido, com ciúmes do médico que fez o parto, entrou no quarto atirando – um tiro pegara na perna da sogra (isso não era loucura, pois ela possuía as marcas na perna) e dois outros na barriga da mulher. O caso sempre foi escondido deles. A outra filha, Noêmia fora roubada por um homem que a engravidara e, um belo dia, viera devolver a filha, dizendo que não mais a queria por que ela já não mais era moça; a mãe o xingou, o médico provou que o filho era dele e eles vivem juntos até hoje; tiveram oito filhos. A terceira filha, Zuleide, recebia homens em sua própria cama, escondida da mãe – as outras duas filhas sabiam, viam tudo e nunca diziam nada; foi, por isso, expulsa de casa quando a mãe, um dia a pegou. E, finalmente, as duas outras filhas saíram de casa para seguir a religião, “um reino cheio de luzes”. Ela se lembra ainda da cantiga que cantava para Nelo: “Não chores, meu filho; Não chores que a vida é luta renhida: Viver é lutar.”

O filho teme que a mãe não chegue viva ao hospital; agora, pede para que o motorista acelere. Chegaram, foram falar com a enfermeira, que lhes dissera que chegaram cedo demais. Não, querida. Chegamos tarde demais. Abaixa os olhos. A cena é muda. Ainda assim ouço-a dizer: - Sabe o que é dar plantão numa casa de loucos e ainda por cima ser acordada por um homem e uma mulher fedendo a vômito? O filho interna a mãe.

Não me esperaram para o enterro. Achei ótimo. Papai se queixou: - Tinha tão pouca gente. Falou ao papai que a internação da mãe iria custar dinheiro. Todo mês.

- Eu também não vou durar muito. Tenho certeza disso.

Foi então que comecei a me sentir perdido, desamparado, sozinho. Tudo o que me restava era um imenso absurdo. Mamãe absurdo. Papai Absurdo. Eu Absurdo. “Vives por um fio de puro acaso.” E te sentes filho desse acaso. A revolta, outra vez e como sempre, mas agora maior, mais perigosa. Não morrerás de susto, bala ou vício. Morrerás atolado em problemas, a doce herança que te relegaram. O enterro foi pago com dinheiro emprestado a juros. Uma miséria, de uma miséria de outra miséria. Teu pai não sabe se vai ter dinheiro para comer, daqui pra frente, quanto mais se vai pagar os juros do enterro de um filho.

Por fim, o filho narrador conta ao pai que vai embora. Para onde? Para São Paulo. Com o dinheiro que receberia pela Prefeitura, compraria uma passagem e venderia a vaca que o avô deixara.

O pai não se conformava: - Você é igual aos outros. Não gosta daqui – falou zangado. Ninguém gosta daqui. Ninguém tem amor a esta terra.

Ele tinha, eu sabia, todos sabiam.

Passado o sermão, papai amansou a voz. Parecia mais conformado do que aborrecido:

- Você faz bem – disse. – Siga o exemplo – Abaixou as vistas, sem completar o que ia dizer.

Créditos parciais: *Manoela Falcón Silveira*, Prof^a Ms. em Literatura | *Fabiana Ferreira da Costa*, Prof^a Ms. em Literatura